



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS - FAFIC
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA – DFI
CURSO DE FILOSOFIA

MIQUÉIAS ICARO DE OLIVEIRA

**O CONCEITO DE DESIGUALDADE A PARTIR DO DISCURSO SOBRE A ORIGEM
E OS FUNDAMENTOS DAS DESIGUALDADES ENTRE OS HOMENS DE JEAN-
JACQUES ROUSSEAU**

MOSSORÓ – RN

2021

MIQUÉIAS ICARO DE OLIVEIRA

O CONCEITO DE DESIGUALDADE A PARTIR DO DISCURSO SOBRE A ORIGEM E
OS FUNDAMENTOS DAS DESIGUALDADES ENTRE OS HOMENS DE JEAN-
JACQUES ROUSSEAU

Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia –
DFI, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte –
UERN, como pré-requisito para a obtenção do grau de
licenciado em Filosofia.

Orientador: Profa. Dra. Silvana Maria Santiago.

MOSSORÓ – RN

2021

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Í15c Ícaro de Oliveira, Miquéias
O conceito de desigualdade a partir do Discurso sobre a origem e os Fundamentos das desigualdades entre os homens de Jean-Jacques Rousseau. / Miquéias Ícaro de Oliveira. - Mossoró - RN, 2021.
50p.

Orientador(a): Profa. Dra. Silvana Maria Santiago.
Monografia (Graduação em Filosofia). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Desigualdade. 2. Estado de natureza. 3. Propriedade privada. 4. Violência. 5. Rousseau. I. Santiago, Silvana Maria. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

MIQUÉIAS ICARO DE OLIVEIRA

**O CONCEITO DE DESIGUALDADE A PARTIR DO DISCURSO SOBRE A ORIGEM
E OS FUNDAMENTOS DAS DESIGUALDADES ENTRE OS HOMENS DE JEAN-
JACQUES ROUSSEAU**

Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia – DFI,
da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN,
como pré-requisito para a obtenção do grau de licenciado em
Filosofia.

Orientador: Profa. Dra. Silvana Maria Santiago.

Aprovada em: ___/___/___

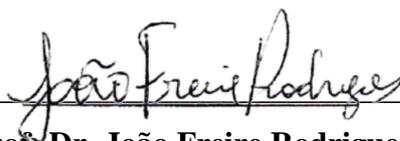
Banca Examinadora



Profa. Dra. Silvana Maria Santiago



Prof. Dr. Manoel Jarbas Vasconcelos Carvalho



Prof. Dr. João Freire Rodrigues

MOSSORÓ – RN

2021

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos que de forma direta ou indireta contribuíram para a elaboração do memo. De forma muito especial, gostaria também de dedicar este trabalho ao povo brasileiro que sofre as terríveis mazelas da alta pobreza e ainda assim levam esse país nos ombros, ou seja, a todo o povo mais pobre e vulnerável que o sistema capitalista mesmo com o passar dos séculos continuam a insistir e manter o alto abismo de classes, o qual só aumenta o sofrimento dos mais fracos e eleva os mais ricos.

AGRADECIMENTOS

O meu primeiro agradecimento é, sem dúvidas, a Deus e a toda seu exército celeste. Pela vida e por sempre estar me apoiando e ajudando a superar todas as dificuldades encontradas ao longo de toda a minha existência. Agradeço também a toda minha família, de forma especial a minha mãe, avó e minha irmã que foram para mim verdadeiros apoios e sempre me incentivaram a superar os obstáculos que a vida me impôs. Elas me incentivaram constantemente a lutar pela conquista de meus sonhos. Agradeço a família do Seminário Santa Teresinha. Aos seminaristas e formadores, por todo auxílio nos momentos de necessidade. Agradeço ainda ao Departamento de Filosofia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, a todo o corpo técnico, aos docentes e discentes. De forma especial, agradeço ao professor Dr. Josailton Fernandes, chefe do Departamento, e a minha orientadora, professora Dra. Silvana Maria Santiago. Neles, reafirmo minha gratidão a todos os professores que passaram por mim ao longo de todo o curso. Agradeço, ainda, a todos que contribuíram de forma direta e indireta para a elaboração deste trabalho.

O verdadeiro fundador da sociedade civil foi o primeiro que, tendo cercado um terreno, lembrou-se de dizer isto é meu e encontrou pessoas suficientemente simples para acredita-lo. Quantos crimes, guerras, assassinatos, misérias e horrores não poupariam ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou enchendo o fosso, tivesse gritado a seus semelhantes: "Defendei-vos de ouvir esse impostor; estareis perdidos se esquecerdes que os frutos são de todos e que a terra não pertence a ninguém!" (ROUSSEAU, 2005a, p. 87).

RESUMO

O presente trabalho busca apresentar o conceito de desigualdade a partir do pensamento do filósofo francês Jean-Jacques Rousseau. Tendo por objetivo analisar o conceito de desigualdade a partir da sua obra “Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens”, buscando entender segundo a ótica de Rousseau como surge a desigualdade social, os motivos que a faz multiplicar durante todos os séculos até os dias atuais e buscando meios para solucionar o problema que encontra-se presente no decorrer da história da humanidade, levando os homens viverem de forma tão desigual, que muitas vezes é desumano, nos levando a refletir sobre a desigualdade nos dias atuais, tão alarmante, fazendo surgir tantos males, como a violência, a fome, entre outros tantos. A metodologia desta pesquisa foi realizada por meio de uma análise bibliográfica tendo como principal fonte a obra acima citada do Jean-Jacques Rousseau. A presente pesquisa está dividida em três capítulos. O primeiro tem como tema: Conjectura da vida e obra: Pressupostos teórico, social e político. Esse capítulo se inicia com a apresentação da vida e obra do pensador. Essa abre espaço para se entender o horizonte da reflexão do filósofo, para a questão que se pretende, ou seja, que ofereça um norte de compreensão sobre o conceito de desigualdade. Para tal intento, apresenta-se a chave de leitura do pensamento do filósofo que aqui é importante destacar: a ideia de Estado, de natureza e a ideia de propriedade privada. No segundo capítulo, priorizou-se os aspectos de desigualdade. Nesse capítulo, se adentrou de forma mais específica no objeto central do trabalho que é a desigualdade em si a partir da menção de duas formas de desigualdade, sendo elas: a desigualdade natural ou física e a desigualdade moral ou política. Por fim, no terceiro capítulo se faz alusão a leitura da desigualdade atual a partir de relatórios da ONU, como também do documentário do Data folha que mostra a desigualdade no âmbito nacional. É válido também informar que nesse último capítulo tentou-se apresentar autores que pensam as consequências da desigualdade, como a falta de formação escolar e intelectual e a pobreza. O resultado disso será o crescimento cada vez maior da violência e o genocídio tanto dos indivíduos quanto da cultura. Todavia, é importante se afirmar que é por causa da esperança na mudança desse quadro que é urgente e necessário estudar teóricos que não se calam sobre esse assunto. Portanto, registra-se a atualidade da filosofia de Rousseau.

Palavras-chave: Desigualdade. Estado de natureza. Propriedade privada. Violência. Rousseau.

RÉSUMÉ

Cet article cherche à présenter le concept d'inégalité basé sur la pensée du philosophe français Jean-Jacques Rousseau. Visant à analyser le concept d'inégalité à partir de son ouvrage "Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité entre les hommes", cherchant à comprendre, selon la perspective de Rousseau, comment surgit l'inégalité sociale, les raisons qui la font se multiplier au cours de tous les siècles à nos jours et chercher les moyens de résoudre le problème présent tout au long de l'histoire humaine, amenant les hommes à vivre d'une manière si inégale, souvent inhumaine, nous amenant à réfléchir sur les inégalités d'aujourd'hui, si alarmantes, donnant lieu à tant de maux, tels que la violence, la faim, parmi tant d'autres. La méthodologie de cette recherche a été réalisée à travers une analyse bibliographique ayant comme source principale les travaux mentionnés ci-dessus par Jean-Jacques Rousseau. Cette recherche est divisée en trois chapitres. Le premier a pour thème : Conjecture de vie et de travail : Hypothèses théoriques, sociales et politiques. Ce chapitre commence par la présentation de la vie et de l'œuvre du penseur. Cela ouvre un espace pour comprendre l'horizon de la réflexion du philosophe, à la question qui se veut, c'est-à-dire offrir un guide pour comprendre le concept d'inégalité. A cet effet, la clé de lecture de la pensée du philosophe est présentée, qu'il est important de souligner ici : l'idée d'État, de nature et l'idée de propriété privée. Dans le deuxième chapitre, les aspects de l'inégalité ont été priorisés. Dans ce chapitre, l'objet central de l'ouvrage, qui est l'inégalité elle-même, a été plus spécifiquement exploré en mentionnant deux formes d'inégalité, à savoir : l'inégalité naturelle ou physique et l'inégalité morale ou politique. Enfin, le troisième chapitre fait allusion à la lecture des inégalités actuelles à partir des rapports de l'ONU, ainsi que du documentaire Data Folha qui montre les inégalités au niveau national. Il convient également de mentionner que ce dernier chapitre a tenté de présenter des auteurs qui réfléchissent aux conséquences des inégalités, telles que le manque de formation éducative et intellectuelle et la pauvreté. Le résultat sera une augmentation toujours croissante de la violence et du génocide des individus et de la culture. Cependant, il est important de préciser que c'est dans l'espoir de changer cette situation qu'il est urgent et nécessaire d'étudier des théoriciens qui ne restent pas muets sur ce sujet. Elle enregistre donc l'actualité de la philosophie de Rousseau.

Mots-clés: Inégalité État de la nature. Propriété privée. La violence. Rousseau.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS, SOCIAIS E POLÍTICOS.....	13
2.1	ESTADO DE NATUREZA: IGUALDADE E LIBERDADE NATURAIS.....	18
2.2	A PROPRIEDADE ASSEGURA A DESIGUALDADE.....	23
3	ASPECTOS DA DESIGUALDADE.....	28
3.1	DESIGUALDADE NATURAL OU FÍSICA.....	29
3.2	DESIGUALDADE MORAL OU POLITICA.....	31
4	SOBRE A DESIGUALDADE NO BRASIL.....	35
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
	REFERÊNCIAS.....	49

1 INTRODUÇÃO

A desigualdade entre os homens é um assunto ainda bastante atual, discutido e, sobretudo, vivenciado por grande parte da população desde os tempos passados. Vivemos em um momento da história em que o crescimento da desigualdade social é visto em quase todas as partes do mundo. Enquanto poucos possuem uma grande concentração de bens, muitos não têm quase nada, nem mesmo o essencial para sobrevivência. De acordo com o relatório anual publicado pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2019, cerca de 113 milhões de pessoas no mundo estão com fome aguda. Tal realidade pode ser observada em países subdesenvolvidos, que em sua maioria tem grande número de desempregados e renda per capita mínima para a sobrevivência. Sabemos que a cada minuto alguém morre de fome, e estas mortes não se dão pela falta de alimento tão somente, mas sim pela má distribuição de bens, visto que o planeta produz alimentos suficientes para todos (ONU, 2019). No entanto, estes se concentram na mão de alguns poucos. É preciso buscarmos a raiz de tais acontecimentos. O filósofo Jean-Jacques Rousseau nasceu no ano de 1712, natural de Genebra, então republica de Genebra, hoje Suíça. Foi um filósofo iluminista e precursor do romantismo, foi um importante contratualista. Autor de várias obras, dentre elas uma que ficou bastante conhecida: *O contrato social*. Nessa obra, estão contidas ideias políticas acerca da sociedade civil. Para o escritor, o homem nasce bom e é a sociedade que o corrompe¹. No ano de 1753, a academia de Dijon lança a seguinte questão: Qual a origem da desigualdade entre os homens e será ela permitida pela lei natural? O filósofo, na busca por responder a essa questão e assim participar do concurso acadêmico, escreve uma das suas obras mais famosas, intitulada *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* (1755), na qual visa de forma negativa responder à questão proposta e, a partir dela, mostrar que o homem só estaria livre no estado de natureza.

Ao analisar o princípio da história humana, Rousseau afirma que o homem só é livre de verdade antes da construção da sociedade, ou seja, no estado de natureza. Esse estado permitiria ao indivíduo ser ele mesmo, livre de toda e qualquer moralidade imposta por leis, existindo a moralidade natural que era o instinto de conservação de se mesmo, o filósofo afirma ainda mais um princípio moral natural que existia nos primatas que era a piedade, um movimento natural que era encontrado por exemplo nos instintos maternos dos animais, em meio a essas moralidades advindas da natureza não existia desigualdade, apenas haveria

¹ Afirmação que se encontra na observação “1” das notas de Rousseau no segundo discurso da sua obra “O Contrato Social” escrito no ano de 1957.

aquela que fosse colocada pela própria natureza, e para vencê-la, caso fosse necessário, o indivíduo poderia se juntar com outros, logo que resolvida a situação cada um seguia seu destino escolhido. No entanto, a partir da criação do Estado Civil tudo se torna diferente. A ideia de propriedade privada se constrói nesse momento, e é a partir dela que a desigualdade social surge. Para Rousseau, a ideia de propriedade surge ao mesmo tempo que a desigualdade, pois no momento em que um indivíduo ou um grupo cerca um terreno e afirma que este lhe pertence, isso se desenvolve através da força, ou seja, tal imposição seria uma espécie de acordo de submissão em que os mais fortes se colocam acima dos mais fracos, é relevante colocar que a força sozinha não seria capaz de conservar o poder dos poderosos, sempre está acompanhada de benefícios e regalias para aqueles que aceitam de comum acordo, fazendo com que se manifeste a desigualdade entre os homens. Daí surge o primeiro pacto social, conforme indica Rousseau (2005a).

Partindo dessa ideia, o autor irá dividir a desigualdade em dois tipos, sendo eles: a desigualdade natural ou física; e a desigualdade moral ou política. O filósofo não se prende tão somente em procurar como cada uma surge, mas sim, como se dá a passagem de uma para outra. Para o filósofo, a primeira sempre esteve presente na vida do indivíduo, enquanto que a segunda nos leva a entender ser algo construído.

O presente trabalho aborda *o conceito de desigualdade segundo Rousseau*, tema que nos faz mergulhar na desigualdade entre os homens, e como no início foi citado, é sem dúvida algo que hoje é bastante presente, e que ultrapassa todos os tempos e as diferentes sociedades, enfim, algo que afeta milhões de pessoas de forma negativa, uma vez que retira dos indivíduos a dignidade humana, ou seja, o seu direito à vida e a liberdade. A escolha por trabalhar a desigualdade em Rousseau nos oferece uma perspectiva de que com o auxílio dele possamos chegar a alguma conclusão, tanto no que diz respeito a origem e o fundamento da desigualdade, como também, a partir da nossa realidade, entendermos traços específicos de nossa época. Esperamos, à luz dos conceitos do filósofo, perceber algumas das principais desigualdades que assolam nossa sociedade. Partindo dessa investigação, será possível uma maior análise e reflexão sobre essa questão presente na sociedade desde os tempos-primórdios da humanidade, e que a cada dia cresce de forma desproporcional, levando um número cada vez maior de pessoas a serem inseridos numa situação de sofrimento e dor.

No decorrer desse trabalho a respeito da desigualdade social, observamos a linha de pensamento do filósofo e tomamos esta como direção para entendermos algumas bases da desigualdade na sociedade civil. Diante desta reflexão, observamos de forma prática como essa se desenvolve, assim como também foi observado elementos estruturais, como a falta de

políticas públicas voltadas para o bem com da sociedade, que infelizmente não são aplicados, porque as forças de pressão financeira são mais poderosas que milhões de pessoas. Por essa razão, fica muito difícil que se possa minimizar tal problema que sempre assolou a sociedade, a ponto de alienar o indivíduo, deixando-o passivo para viver essa situação sem forças para lutar e sair dessa experiência de morticínio que recai sobre si.

Frente a questão colocada por Rousseau, podemos questionar: O que é a desigualdade social? Como e de onde ela surge? Por que atinge a tantos? Certamente tais questões encontram inseridas ao longo da história da humanidade e suscitam a muitos na busca de solução para o problema. A proposta do pensador ao discutir o problema da desigualdade era resolver a questão apontando soluções práticas e para isso na visão dele a questão deveria ser mais profunda, encontrar a raiz, ou seja, mostrar a origem e como esses fundamentos são colocados para legitimar de forma desumana a desigualdade entre os homens.

Nessa investigação, observamos possíveis origens da desigualdade social, uma vez que buscamos refletir acerca do caminho percorrido pelo filósofo. À luz de sua obra analisamos quais os possíveis fundamentos que até hoje alicerçam as diferentes formas de desigualdade. Confrontaremos tais ideias com a realidade contemporânea. A fim de atingirmos o nosso objetivo, que é investigar o conceito de desigualdade a partir da obra: *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Com isso, buscamos entender a origem histórica da desigualdade, o problema da desigualdade na contemporaneidade a partir da leitura do pensador. E, ainda, diferenciar os conceitos de desigualdade proposto pelo filósofo.

A metodologia desta pesquisa se desenvolveu a partir de uma análise bibliográfica, tendo como principal autor trabalhado Rousseau, partindo de sua obra já mencionada, na qual é desenvolvida uma discussão com ênfase na problemática de uma sociedade que a cada dia se torna mais desigual, é preciso conhecer a origem da desigualdade, o porquê do seu surgimento e ainda porque tantos são atingidos.

O trabalho se desenvolveu a partir da busca de compreendermos o conceito de desigualdade. À luz do pensamento de Rousseau, abordaremos no primeiro capítulo as Conjecturas da vida e obra: Pressupostos teóricos, social e político do filósofo genebrino. O objetivo é compreendermos a chave de leitura essencial que aponte o conceito que o pensador se valeu para refletir sobre o Estado, a natureza e a propriedade privada. No segundo capítulo, versamos de modo particular no que concerne aos aspectos da desigualdade, com especial atenção a desigualdade natural ou física e a desigualdade moral ou política. No terceiro capítulo, apontamos a atualidade da discussão do pensador, especialmente na questão das

advertências que são colocadas por ele a respeito do desdobramento da desigualdade. Apontamos que a falta de formação escolar, a pobreza absoluta e o crescimento da violência são situações que precisam ser denunciadas. A consequência disso é óbvia, está instaurada através da barbárie, ou seja, do morticínio do homem pelo homem, por causa do poder sobre o outro, da luta pela apropriação das coisas e da ganância pela acumulação. Nesse sentido, podemos notar que parte da sociedade que optou por manter esse quadro contribuiu para a diminuição do desenvolvimento da cidadania e da cultura.

Por fim, entendemos que o conceito traçado pelo filósofo sobre a desigualdade aponta para situações com as quais nos deparamos atualmente. Uma das situações é com a falta de igualdade de oportunidade. Os indivíduos disputam na sociedade capitalista de maneira desigual, uma vez que falta para a maioria as mesmas chances que um pequeno grupo (os detentores do poder) sempre obteve. Daí foi sendo construída uma sociedade desprovida de sua cidadania, por não conhecer seus direitos, conhecendo apenas os seus deveres, na sua maioria não tocava na possibilidade de uma reflexão sobre como essa desigualdade surgiu e como foi historicamente assimilada pela cultura. Com a desigualdade, os indivíduos instituíram também o estado de guerra, a luta contra as forças de opressão, usando a força bruta, deixa para trás perspectivas de se estabelecer por meio da reflexão e da discussão possibilidades de encontrarmos saídas pacíficas para destituir a desigualdade que separa os homens uns dos outros. Contudo, acreditamos que por ter esperanças em uma vida melhor para todos, ou melhor, que se instaure a igualdade entre os indivíduos, é que precisamos retomar as leituras de Rousseau, pois só a partir do estudo de teorias como as dele é que teremos expectativas de práticas que poderão mudar a sociedade.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS, SOCIAIS E POLÍTICOS

O pensamento de Rousseau surge imerso em um vasto contexto histórico no século XVIII. O pensador tem um papel relevante na história da filosofia ocidental, sobretudo, quando acontecia a transição da filosofia moderna para a contemporânea. Rousseau não dispensa a metafísica, mas, faz severas críticas aos aspectos filosóficos existentes, entre eles a metafísica e a escolástica. No entanto, em muitos momentos também se contrapôs aos que estavam se iniciando, como o iluminismo e o naturalismo. Embora o naturalismo fosse uma linha de pensamento de sua época, o filósofo defendeu que estava fora das ideias que essa filosofia pregava, visto que o pensador pensa o homem como um ser que está ligado ao estado de natureza, como uma ligação íntima, harmoniosa e feliz. Em uma de suas precisas palavras, chega a afirmar que:

[...] quanto mais o homem tiver permanecido próximo a sua condição natural, mais a diferença entre suas faculdades e seus desejos será pequena e conseqüentemente menos distante estará de ser feliz. Nunca ele é menos miserável do que quanto parece carente de tudo, pois a miséria não consiste na privação das coisas, mas na necessidade que sentimos delas – [...] todo homem quer ser feliz. Para chegar a sê-lo, porém seria preciso começar por saber o que é felicidade. A Felicidade do homem natural é tão simples quanto sua vida, consiste em não sofrer, a saúde, a liberdade e o necessário a constituem (ROUSSEAU, 1992, p. 18-19).

Desse modo, para o filósofo genebrino, todo homem busca a felicidade, que pode ser encontrada em ter o necessário para sua sobrevivência e bem-estar encontrado na natureza. O necessário para comer, beber, dormir e tudo que satisfaz o homem. Nesse sentido, não existe disputa, o homem encontrava tudo na natureza. Talvez, por isso que o homem em sua concepção é um ser passivo. Esse pensamento se coloca como totalmente contrário ao do filósofo inglês Thomas Hobbes, visto que,

Na visão de Thomas Hobbes, como sugere a clássica passagem “O homem é o lobo do homem”, o estado de natureza no qual o homem vive é essencialmente composto por guerras e disputas, uma vez que para ele o homem tem o direito fundamental à vida e para isso a de se valer de qualquer coisa para garanti-la, sendo “mal” por natureza. Em outras palavras, o indivíduo vive em constante estado preventivo, o que leva o mesmo a contínuas disputas e segundo ele “a vida do homem é solitária, miserável, sórdida, brutal e curta” (HOBBS, 1651 apud CALDAS, 2018, on-line).

Hobbes compreende o ser humano como um ser que para conseguir o que necessita é capaz de agir das formas mais negativas possíveis em vista do seu próprio bem. Assim, o seu principal direito é a vida, então, para que possa viver com todas as necessidades satisfeitas, o sujeito é capaz de buscá-las das mais diversas formas. O pensamento de Hobbes é contrário ao de Rousseau, visto que para o último o homem em sua liberdade e vivendo a ligação sentimental com a natureza encontra tudo o que precisa para existir, podendo viver de forma pacífica e harmoniosa.

Jean Jacques Rousseau com seu pensamento de liberdade nos apresenta a ideia de uma liberdade natural focada numa vida digna para todos. Embora cansado do lema dos revolucionários “liberdade, igualdade e fraternidade”, foi considerado por muitos um inspirador da Revolução Francesa (1789 -1815)², que foi um acontecimento fenomenal com uma complexidade gigantesca, tornando-se um divisor histórico por incluir inúmeras revoluções em todas as camadas sociais existentes nesse período. Essa revolução também colocou em discussão o antigo regime da França, no qual tanto as estruturas políticas como econômicas e sociais seriam atingidas. Tal situação caracterizou o fim do antigo regime, de tal modo que as estruturas existentes foram abolidas.

Com sua mentalidade revolucionária para seu tempo, Rousseau atuou por meio de ideias e convicções como: renovação, autonomia, unidade, igualdade e bondade do ser humano. Essa nova mentalidade e ideais em conjunto se tornam soluções políticas na visão dos revolucionários, levando até alguns políticos a se inspirarem nos pensamentos e convicções do pensador, uma vez que suas ideias poderiam estar inseridas nesse processo de revolução. Mas, é importante afirmarmos que essas inspirações não se referem às técnicas políticas, e sim a ideais como todos podem participar a formulação das regras e leis que regem a sociedade é que impulsionam a luta de resistência contra o regime político anterior.

É nesse momento que podemos contemplar a instituição de pensamentos políticos, ocasião que desponta probabilidades de organização de nações e estados, sendo apontados sinais concretos de poder, ou melhor, quando acontecem muitos debates do povo, na sociedade e na atuação modificada do poder. Isso significa que uma nova organização social está despontando. O genebrino, Rousseau, sempre esteve atento ao que se passava ao seu

² A revolução francesa ocorreu entre os anos de 1789-1799 e foi um período marcado por grande efervescência nos âmbitos político e social da França, tendo forte impacto em todo o continente europeu. Revolução essa que desencadeou o declínio da monarquia absolutista que havia governado a nação ao longo de muitos séculos. A nação francesa embarca em uma enorme metamorfose, a partir da qual privilégios feudais, aristocratas e religiosos sumiram diante de ataques de potentes grupos políticos da massa, sumindo também com eles seus ideais e abrindo espaço para novos princípios como “*Liberté, égalité e fraternité*” (liberdade, igualdade e fraternidade), mudando toda forma de se pensar da época.

redor, fazendo reflexões com uma visão para além do seu tempo. Procurava elaborar sugestões para as inúmeras formas de governo que estavam sendo estudadas no período histórico em que se encontrava. Prezava sempre pela ideia que tinha da condição do homem como vindo da natureza em perfeita harmonia.

Diante de tantas transformações e reformas, Rousseau em suas observações contrapõe-se aos demais pensadores e filósofos que viam a modernidade como lugar de desenvolvimento nas áreas da ciência, artes e cultura. Percebia que as regras apresentadas à sociedade como lei, traziam em si a corrupção, vaidade e a escravidão. A esse respeito, o que anuncia o pensador é que para se estabelecer uma sociedade é necessário entendermos que a razão é uma faculdade natural do homem (ROUSSEAU, 2005a).

A concepção dos modernos na visão de Rousseau é que estes acreditam que a lei deve ser definida unicamente por alguém com alta capacidade intelectual, sendo suas ideias de grande discordância e incapazes de compreender a lei da natureza. Vejamos o que diz o prefácio de uma de suas obras:

[...] Os modernos só reconhecem como lei uma regra prescrita a um ser moral, isto é, inteligente, livre e considerado nas relações com os demais seres, limitando conseqüentemente ao único animal dotado de razão, isto é, ao homem, a competência da lei natural; definindo, porém, esta lei cada um a seu modo, [...] De forma que todas as definições desses homens sábios, aliás em perpétua contradição entre si, concordam unicamente quanto a ser impossível compreender a lei da natureza e, conseqüentemente, obedece-la, sem ser grande pensador e profundo metafísico. Tal coisa significa, precisamente, que os homens tiveram de utilizar, para o estabelecimento da sociedade, luzes que só se desenvolvem com muito trabalho e para poucas pessoas, no próprio seio da sociedade (ROUSSEAU, 2005a, p. 46).

O genebrino voltava suas reflexões para as concepções naturais da vida. Ele percebe que os seus contemporâneos se equivocam quanto ao entendimento do período das *Luzes* por não compreenderem o sentido do ser natural e por glorificar a razão. Assim, o pensamento iluminista se opõe a si mesmo, pensa Rousseau, pois entende que existe um puro artificialismo nesse período, algo totalmente contrário do que buscava em suas reflexões, visto que essas estavam centradas na vida de forma pura, original. Para o filósofo, o seu entendimento sobre as leis deveria ter um fim, ou seja, um bem comum social. Todavia, para isso, se faz necessário criar um contrato social justo em vista do bem comum. Desse modo, se faz necessário entender o homem como ser natural, sua origem primeira, porém, lembrando que se afastou desse estado original para viver um estado social.

Podemos asseverar que com todas as suas reflexões, Rousseau apresenta uma visão além do seu tempo. O autor responde a uma pergunta proposta pela academia de Dijon sobre a origem da desigualdade humana por meio da sua obra *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* (2005a). O texto foi dividido em três etapas bem significativas, respectivamente, dedicatória, prefácio e o discurso, as quais são importantes estarem apresentadas aqui para uma melhor compreensão desta obra tão rica para a história.

A primeira parte trata-se da dedicatória à República de Genebra, segundo o autor, esse é o estado ideal, a imagem mais aproximada do estado perfeito, por existir aparentemente estabelecida a democracia, uma unidade real entre os governantes e os governados. Nela, o homem é livre, a autoridade da lei não tem restrição nem privilégios, o direito de legislação é comum a todos os cidadãos, mas reserva aos magistrados o direito de propor leis. Nesse estado, então, podemos afirmar, como Rousseau (2005a), que se trata de um lugar onde existe a felicidade do homem no seu estado natural, que é orientada pelos seus instintos naturais, mais próximos ao animal do que do homem, como diz o genebrino no começo do *segundo discurso*; não é o caso da sociedade de Genebra, uma *sociètè policiée*.

No prefácio de sua obra, Jean Jacques Rousseau (2005a) expressa sua ideia de modo geral. Apresenta o método a partir do qual desenvolveu seu raciocínio e acredita que seu pensamento será uma resposta para solucionar o problema do direito natural do homem, pois, segundo ele, os outros autores quando falam do assunto se contradizem, visto que apresentam uma definição abstrata complicada do que hipoteticamente é o natural. Para Rousseau (2005a), o mais importante é o conhecimento a respeito do homem.

O discurso é exposto de uma forma singular, significativa e interessante para o leitor. Este é dividido em duas partes principais, são elas: a desigualdade natural ou física e a desigualdade moral ou política. O pensador apresenta o homem tanto no seu estado natural como no estado civilizado. Rousseau expõe a desigualdade natural ou física, ou seja, aquela que o ser humano carrega desde o princípio, ao nascer, a qual equivale a todas as características que configuram o seu estado original, o que não é uma consequência imposta por alguém ou por um sistema. Sendo exatamente o contrário da desigualdade moral ou política que é imposta por outros homens, por um sistema onde existe aquele que manda e aquele que obedece. Nas palavras do pensador:

Concebo, na espécie humana, dois tipos de desigualdade: uma que chamo de natural ou física, por ser estabelecida pela natureza e que consiste na

diferença das idades, da saúde, das forças do corpo e das qualidades do espírito e da alma; a outra, que se pode chamar de desigualdade moral ou política, porque depende de uma espécie de convenção e que é estabelecida ou, pelo menos, autorizada pelo consentimento dos homens. Esta consiste nos vários privilégios de que gozam alguns em prejuízo de outros, como serem mais ricos, mais poderosos e homenageados do que estes, ou ainda por fazerem – se obedecer por eles (ROUSSEAU, 2005a, p. 51).

O filósofo descreve claramente que o homem em seu estado de natureza é um ser que vive na busca de satisfazer suas necessidades do momento, não busca glória ou qualquer outro bem em si próprio, apenas procura saciar suas necessidades essenciais para sobrevivência. Esse pensamento se contrapõe as teses de teóricos como Hobbes, Buffon, entre outros que tratam do mesmo assunto, porém, com uma visão totalmente diferente da visão de Rousseau, uma vez que esses pensadores percebem o homem natural a partir do lado social, ou seja, não conseguem enxergar o homem em seu estado original. Contudo, Rousseau apresenta o homem no estado de natureza com toda a pureza que a natureza oferece, sem que tenha um sentimento e nem conhecimento de maldade ou de bondade, em sua essência o homem no estado original era bom por natureza. Seu viés era totalmente contrário aos dos outros teóricos, o que podemos observar na citação a seguir de Hobbes (1999).

[...] na natureza do homem encontramos três causas principais de discórdia. Primeiro, a competição; segundo, a desconfiança; e terceiro, a glória. A primeira leva os homens a atacar os outros tendo em vista o lucro; a segunda, a segurança; e a terceira, a reputação. Os primeiros usam a violência para se tornarem senhor das pessoas, mulheres, filhos e rebanhos dos outros homens; os segundos, para defendê-los; e os terceiros por ninharias, como uma palavra, um sorriso, uma diferença de opinião, e qualquer outro sinal de desprezo [...]. Com isto se torna manifesto que, durante o tempo em que os homens vivem sem um poder comum capaz de os manter a todos em respeito, eles se encontram naquela condição a que se chama guerra; e uma guerra que é de todos os homens contra todos os homens (HOBBS, 1999, p. 108-109).

O pensamento de Rousseau apresenta sua verdade sobre o homem e como acredita que ele é no estado de natureza, antes de ser influenciado pela sociedade e por suas regras impostas. Seria este um homem puro, sem maldade, que se sacia unicamente com o que necessita para sua sobrevivência, de maneira que Rousseau não acredita que o homem caracterizado pelo filósofo Hobbes é um ser real, pois todas essas características citadas seriam conseqüências da vida em sociedade e não sua essência natural. Na concepção de Rousseau, se acontece discórdia, competição, desconfiança ou desejo de glória, sentimentos capazes de levar a uma competição que chega a ser propulsora de guerra, isso se dá por

influência da convivência social, na qual cada um foi desenvolvendo suas vontades pensando em seu próprio bem, não sendo algo fruto do seu estado original, ou seja, não foi imposto pela natureza onde o sujeito foi gerado e viveu de forma harmoniosa. O que podemos observar em sua tese sobre o assunto:

Parece, a princípio, que os homens neste estado de natureza, não havendo entre eles espécie alguma de relação moral ou deveres comuns, não poderiam ser bons nem maus ou possuir vícios e virtudes, a menos que, tomando estas palavras num sentido físico, se considerarmos vícios do indivíduo as qualidades capazes de prejudicar sua própria conservação, e virtudes aquelas capazes de em seu favor contribuir, caso em que se poderiam chamar mais virtuosos aqueles que menos resistem aos impulsos simples da natureza. [...] Hobbes viu muito bem o defeito de todas as definições modernas de direito natural [...] raciocinando sobre os princípios que estabeleceu, esse autor deveria dizer, sendo o estado de natureza aquele no qual o cuidado de nossa conservação é menos prejudicial ao de outrem, esse estado era, conseqüentemente, o mais propício à paz e o mais conveniente ao gênero humano. Ele diz justamente o contrário por ter incluído, inoportunamente, no desejo de conservação do homem selvagem a necessidade de satisfazer uma multidão de paixões que são obra da sociedade e que tornaram as leis necessárias (ROUSSEAU, 2005a, p. 75-76).

Como é possível observar, Rousseau é muito claro no que diz respeito ao pensamento do teórico por ele citado, como também dos outros que defendiam uma linha de pensamento contrária à sua, as quais percebiam o homem selvagem a partir do homem civil, não conseguindo contemplar o homem no estado de natureza. Para Rousseau, esse era o maior engano, o homem selvagem pode ser refletido a partir do homem social, pois a sociedade o influenciou a tal condição que perdeu sua origem primeira, aquela que saiu da própria natureza, aquela que o constituiu mais ou menos forte e ágil, segundo suas necessidades naturais, como qualquer outro animal que possa ser observado. Logo, nesse estado de natureza, o homem não tinha maldade ou bondade, muito menos queria ser mais ou menos forte, apenas desejava saciar suas necessidades.

2.1 ESTADO DE NATUREZA: IGUALDADE E LIBERDADE NATURAIS

Em sua análise sobre a composição do ser humano no estado de natureza, Rousseau afirma que desde cedo o homem desenvolve meios e técnicas para garantir o necessário para a sua sobrevivência. Para o pensador, o homem é um ótimo observador e dessa forma torna-se conhecedor do ambiente em que vive, dos perigos e inimigos que o cerca. Adquire importantes habilidades, e isso indica que se iguala aos seus predadores, tornando-se um ser

extremante sagaz para ser capaz de vencer os desafios encontrados no meio que vive. Desse modo, o autor explica que “o homem selvagem, vivendo disperso entre os animais e vendo-se desde cedo na iminência de medir forças com eles, logo fez a comparação e, verificando que mais os ultrapassa em habilidade do que eles o sobrepujam pela força, aprende a não mais temê-los” (ROUSSEAU, 2005a, p. 239).

Nessa perspectiva, segundo o filósofo o homem aprende a expandir meios para a sua sobrevivência diante de cada realidade que encontra no seu habitat, na natureza. Em meio as dificuldades e perigos cotidianos, os sujeitos vão adquirindo força e desenvolvendo estratégias para ultrapassar as adversidades cotidianas. O filósofo expressa em sua citação acima que o homem aprende a não temer os adversários por se sentir um ser igual em alguns aspectos. Isto é, não possui sentimentos de ser melhor ou pior no meio em que convive. Assim, para Rousseau, no estado de natureza, o homem é um ser que vive cada momento em sua pureza, sem preocupações e sofrimentos antecipados, vive de forma livre por se sentir parte da natureza na qual está inserido.

Contudo, ao mergulharmos nas reflexões do pensador, é perceptível que existe algo de relevante entre o homem e os animais, pois mesmo nas diferenças é visível que os dois possuem atributos semelhantes. No entanto, o grande diferencial entre estes, segundo a concepção do filósofo, seria o fato de que o homem possui a qualidade de se aperfeiçoar a partir da liberdade de escolha. Desse modo, o homem pode aderir ou não aos impulsos naturais, o que o pensador explicita em sua obra.

Em cada animal vejo somente uma máquina engenhosa que a natureza conferiu sentidos para recompor-se por si mesma e para defender-se, até certo ponto, de tudo quanto tende a destruí-la ou estragá-la. Percebo as mesmas coisas na máquina humana, com uma diferença de tudo fazer sozinha a natureza nas operações do animal, enquanto o homem executa as suas como agente livre (ROUSSEAU, 2005a, p. 64).

Diante desse pensamento, é possível compreender que o homem no estado de natureza possui mais atributos que os animais. O homem vai além com seus dotes que os diferencia e que o eleva acima dos demais e do ambiente em que vive. Isso leva o homem a ter mais vantagens em alguns campos e momentos de sua realidade. O filósofo compreende que o homem livre e feliz é o homem no estado de natureza, e isso se aplica também ao estado de pureza, sem ambições, sem imposições de regras criadas e impostas por outros para tirar proveito para si ou para a causa que defende.

Mediante esse pensamento de Rousseau é que a natureza põe todos em um nível de liberdade e igualdade, sem nenhuma exclusão, privilégio ou predileção, podemos compartilhar e refletir acerca de um pensamento semelhante do seu intérprete Robert Derathé (2009), o qual afirma que “ninguém recebeu da natureza o direito de comandar outrem, de subjugá-lo sem sua aprovação, tal é o sentido profundo do princípio da igualdade natural, a qual é, não esqueçamos, uma igual liberdade” (DERATHÉ, 2009, p. 199).

A percepção de Derathé (2009) faz relação direta com o pensamento de Rousseau sobre a igualdade natural, sobretudo, quando afirma que no estado de natureza ninguém está submetido a ninguém ou a princípios, ou seja, todos são iguais perante a natureza, ou melhor, a liberdade é igual para todos. Desse modo, compreendemos que os homens são todos livres por serem concebidos igualmente a partir da mesma essência.

Na visão rousseauiana, o homem no estado de natureza vivia como os animais, preocupando-se em contentar suas necessidades, como saciar a fome e a sede, o repouso e o sexo, estas eram suas questões essenciais de modo que não possuía grandes aspirações. Na simplicidade em que vivia, seu alimento era encontrado nos frutos oferecidos pela natureza, e quando sentia necessidade de descansar, o repouso ficava por conta das árvores arbústeas. Já o sexo, se satisfazia com a parceira que estava ao seu lado sem a necessidade de grandes buscas, vivendo na simplicidade que os animais são acostumados a viver, satisfeito com a condição que a natureza lhe oferecia.

Essa foi a condição do homem nascente; essa foi a vida de um animal limitado inicialmente às sensações puras que, tão só se aproveitando dos dons que a natureza lhe oferecia, longe estava de pensar em arrancar-lhes alguma coisa. Mas logo surgiram dificuldades e impôs-se aprender a vencê-las; a altura das árvores, que impedia de alcançar os frutos, a concorrência dos animais que procuravam nutrir-se deles, a ferocidade daqueles que lhe ameaçava a própria vida, tudo o obrigou a entregar-se aos exercícios do corpo; foi preciso torna-se ágio, rápido na carreira, vigoroso no combate. As armas naturais, que são os galhos de árvore e as pedras, logo se encontraram em sua mão. Aprendeu a dominar os obstáculos da natureza, a combater quando necessário os outros animais, a disputar sua subsistência com os próprios homens ou a compensar-se daquilo que era preciso ceder ao mais forte (ROUSSEAU, 2005a, p. 88).

Para Rousseau, em meio a realidade, a natureza existe para servir as necessidades do ser humano, não para ser sua propriedade privada, sendo assim, o homem não possuía grandes preocupações, limitava-se as questões de sua sobrevivência. Nesse sentido, Rousseau afirma que o homem não tinha necessidade do outro, de viver em comunidade, vivia tranquilamente segregado, como os animais. Os machos e as fêmeas se encontravam com o intuito de saciar

seus apetites, de reproduzir e perpetuar a espécie. Após a procriação, os filhos ficavam ao lado das mães enquanto não sabiam se alimentar sozinhos, de modo que no momento em que se sentiam aptos a isso seguiam seu caminho.

[...] os machos e as fêmeas uniam-se fortuitamente segundo o acaso, a ocasião e o desejo, sem que a palavra fosse um intérprete necessário das coisas que tinham a dizer-se, e separavam-se como a mesma facilidade. A mãe a princípio aleitava seus filhos devido à sua própria necessidade; depois, tendo o hábito lhes tornado caros, alimentava-os por causa da necessidade deles. Os filhos, assim que tinham forças para procurar pasto, não tardavam a abandonar a própria mãe e, como quase não havia outro meio de encontrarem-se senão o de não se perderem de vista, logo encontravam-se em situação de nem sequer se reconhecerem uns aos outros (ROUSSEAU, 2005a, p. 247).

Para o filósofo, o amor e as paixões não existiam. Em sua liberdade encontrada no estado natural, o homem apenas via o momento do ato sexual como mais uma das condições que a natureza lhe oferecia, sem ter que se preocupar com sua prole, pois a única coisa que existia era satisfazer os instintos naturais oferecidos por seu estado de natureza. Como qualquer outro animal existente, não era necessário pensar no futuro, nas consequências e nas responsabilidades de tal ato, todas as ações eram simples e momentâneas, essa simplicidade era traduzida por ele como pureza natural. Na concepção de Rousseau, o homem no estado original é um ser amoral, ou seja, não era bom nem ruim.

Parece, a princípio, que o homem nasce na natureza, não havendo entre eles espécie alguma de relação moral ou de deveres comuns, não poderiam ser bons nem maus ou possuir vícios e virtudes, a menos que, tomando essas palavras num sentido físico, se considerem vícios do indivíduo as qualidades de prejudicar sua própria conservação, e virtudes aquelas capazes de em seu favor contribuir, caso em que se pode chamar mais virtuoso aqueles que menos resistem aos impulsos simples da natureza (ROUSSEAU, 2005a, p. 75).

Nas palavras acima, citadas por Jean Jacques Rousseau, o ser humano no estado de natureza não possuía nem conhecia vícios ou sequer virtudes e, por esse motivo, era impossível de ser considerado bom ou mau. Os sujeitos viviam uma felicidade natural, pois não conheciam a maldade, como também a bondade, apenas viviam segundo suas necessidades de bons selvagens, experienciando cada momento segundo a natureza e o instante presente.

O homem em seu estado de natureza encontrava na liberdade sua essência, imerso num ambiente que o proporcionava a felicidade e a paz consigo mesmo. Não encontrava nesse

sentido existencial a frustração de não ser igual ou melhor que o outro, nem a imposição de obedecer a leis que por vezes infligem práticas que tiram a liberdade, fazendo uma demarcação de até onde pode ir e tendo que dar satisfação de suas escolhas, entre tantas outras coisas que tirariam o homem do seu estado de plenitude levando-o a um estado de frustração e escravidão, o que, por sua vez, destrói a beleza da relação homem e natureza.

Ao refletirmos sobre o pensamento rousseauiano acerca do estado de natureza, é possível afirmar que Rousseau, diante das várias fases de sua vida, criou sua própria filosofia sobre a natureza ao perceber a sociedade sendo corrompida por imposições forçosas de uma minoria sobre a maioria, a qual não cumpria suas próprias imposições. O pensador parece se decepcionar com os costumes injustos e ditos depravados da sociedade parisiense, se colocando totalmente contrário as correntes que surgiam na ciência e a razão do seu tempo, ao passo em que elabora para si uma percepção própria. No entanto, ao pregar suas ideias contrárias a tudo e a todos, foi perseguido por autoridades a ponto de fugir, viu-se sem amigos, sem moradia, sozinho, encontrando na natureza um refúgio tranquilo e pacífico, como uma amiga que o acolhia.

Para Rousseau, a natureza sempre foi seu refúgio, desde muito cedo preferia passar horas no campo, nos alpes, na natureza, lugar místico onde podia encontrar a essência original do ser humano. Vejamos o que diz a esse respeito:

A ideia de que o sentimento místico da natureza não pode ser separado do sentimento de interioridade pessoal constitui aquilo que se costuma chamar o espírito “romântico” de Rousseau. Vendo a natureza como fonte da felicidade humana, relevando ao máximo a carga mística de sua vivência e formulando a concepção de que ela só pode ser compreendida pelo sentimento e não pela razão. [...]. Os contemporâneos enciclopedistas, tanto quanto ele, também fizeram da Natureza o ponto central de suas teorias. [...] A natureza, no entanto, é concebida para eles essencialmente como matéria e movimento mecânico, inteiramente exterior ao sujeito humano. [...] Para Rousseau o espírito à natureza palpita dentro de cada ser humano, como íntimo sentimento de vida (ROUSSEAU, 2005a, p. 15).

Nesse contexto, é possível perceber que toda essa visão de Rousseau é para apresentar uma concepção de natureza em que o homem encontra a felicidade, mostrando que nesse estado o ser humano não fica exposto ao constrangimento social que a vida em sociedade proporciona, o que o próprio pensador chegou a vivenciar. Por ter encontrado na civilização muitas causas de sofrimento e decepção, projetou um estado onde podia se deparar com o contrário de suas experiências. Ao expor seu ponto de vista a esse respeito, tornou-se contrário aos pensadores do seu tempo, sem pretensão de ser considerado um filósofo.

Vi muitas pessoas que filosofavam muito mais doutamente do que eu, mas sua filosofia parecia, por assim dizer estranha... Estudavam o universo como teriam estudado qualquer máquina que tivesse visto por curiosidade. Estudavam a natureza humana para poder falar sabiamente dela, não para conhecer-se a si próprio (ROUSSEAU, 2005a, p. 15).

Além de ter a natureza como estado de origem e de felicidade, Rousseau entende que o homem necessita de um olhar mais apurado sobre a sua origem no estado de natureza, para assim chegar ao autoconhecimento, pois para o mesmo a liberdade do ser humano só pode ir até onde suas forças naturais podem ir, além desse estado já pode ser considerado um escravo.

2.2 A PROPRIEDADE ASSEGURA A DESIGUALDADE

Na concepção rousseauiana, o homem no estado de natureza, provido de virtudes, liberdade e capacidade de observação, passou por transformações ao longo do tempo e também passou por muitos estágios promovidos pela natureza, como as estações do ano; ora com um inverno com inundações, ora verões escaldantes. Disso surge a necessidade de procurar outros lugares para satisfazer suas necessidades, como garantir sua sobrevivência e seu bem-estar. Assim, essas situações foram levando o homem nesse estado natural a encontrar-se com seus semelhantes cada vez mais. Por essa razão, assevera o pensador:

O homem selvagem abandonado pela natureza unicamente ao instinto, ou ainda, talvez, compensado do que lhe falta por faculdades capazes de a princípio supri-lo e depois elevá-lo muito acima disso, começará, pois, pelas funções puramente animais. Perceber e sentir será seu primeiro estado, que terá em comum com todos os outros animais; querer e não querer, desejar e temer, serão as primeiras e quase únicas operações de sua alma, até que novas circunstâncias nela determinem novos desenvolvimentos (ROUSSEAU, 2005a, p. 65).

Podemos perceber que na visão do filósofo, o homem selvagem é praticamente obrigado a criar novas estratégias para sua sobrevivência, segundo as circunstâncias que a natureza vai lhe impondo ao longo dos anos. O homem é um ser com a capacidade de aperfeiçoamento e adaptação, acaba assim procurando formas de passar pelas dificuldades sem perdas, usufruindo do que a natureza provia para sua sobrevivência, porém, cada vez mais seu convívio com outros de sua espécie foi se tornando frequente e necessária. Para ratificar essa questão, o autor afirma:

À medida que aumentou o gênero humano, os trabalhos se multiplicaram com os homens. A diferença das terras, dos climas, das estações pôde forçá-los a incluí-la na sua própria maneira de viver. Anos estéreis, invernos longos e rudes, verões escaldantes, que tudo consomem, exigiram deles uma nova indústria. À margem do mar e do rio, inventaram a linha e o anzol, e se tornaram pescadores e ictiófagos. Nas florestas, construíram arcos e flechas, e se tornaram caçadores e guerreiros. Nas regiões frias cobriram-se com as peles dos animais que tinham matado. O trovão, um vulcão ou qualquer acaso feliz fez com que conhecessem o fogo, novo recurso contra os rigores do inverno; aprenderam a conservar esse elemento, depois a reproduzi-lo e, por fim, a preparar as carnes que antes devoravam crua (ROUSSEAU, 2005a, p. 88).

A aproximação dos indivíduos uns com os outros aconteceu tendo em vista que as mudanças ocorriam em todo o âmbito existente, como também nas novas gerações que foram surgindo, as quais tinham olhares diferentes sobre essa possibilidade de sociedade. Diante dessa ideia de Rousseau, é possível entender que o homem por sua necessidade e usando a sua inteligência, foi observando tudo a seu redor e adaptando-se a cada situação que surgia. Em virtude disso, anuncia o filósofo:

Tudo começa a mudar de aspecto. Errando pelos bosques os homens ao adquirirem situação mais fixa, aproximam-se lentamente e por fim formam, em cada região, uma nação particular, uma de costumes e caracteres, não por regulamentos e leis, mas, sim, pelo mesmo gênero de vida e de alimentos e pela influência comum do clima (ROUSSEAU, 1989, p. 81).

Para o pensador, o homem foi se tornando cada vez mais criativo. Assim, para que o seu convívio se tornasse satisfatório, percebeu que era necessário dividir seu habitat com um número maior de seus semelhantes. Dessa maneira, foram sendo formadas as comunidades, sem tantas regras, mais o que lhes guiavam eram os elementos da natureza fundamentais para sua subsistência. Por essa razão, afirma o autor que o homem:

Encontrou-se em situações de distinguir as situações raras em que o interesse comum poderia fazê-lo contar com a assistência de seus semelhantes e aquelas, mais raras ainda, em que a ocorrência deveria fazer com que desconfiasse deles. No primeiro caso, unia-se a eles em bandos ou, quando muito, em qualquer tipo de associação livre, que não obrigava ninguém, e só durava quanto a necessidade passageira que a reunira. No segundo caso, cada um procurava obter vantagens do melhor modo, seja abertamente, se acreditava poder agir assim, seja por habilidade e sutileza, caso se sentisse mais fraco. Eis como puderam os homens insensivelmente adquirir certa ideia grosseira dos compromissos mútuos e da vantagem de respeitá-los, mas somente tanto quanto poderia exigir o interesse presente e evidente, visto que para eles não existia providência e, longe de se preocuparem com um

futuro distante, não pensavam nem mesmo no dia de amanhã (ROUSSEAU, 2005a, p. 89-90).

Percebemos que para Rousseau, o homem se unia a outro por causa das suas necessidades comuns, porém não possuía uma regra básica ou imposições. Esses estavam juntos até o momento de passarem por tal situação, depois de solucionado o problema cada um tomava a direção desejada livremente, sem amarras, não existindo a ideia de guardar coisas ou instrumentos para quando precisasse no futuro. Daí não separava para si o que encontrava de melhor, isso não acontecia ainda, pois o homem original, o homem selvagem, não possuía desejo de posse, apenas aspirava satisfazer o que lhe era necessário no momento da necessidade.

Na concepção de Rousseau, os homens foram percebendo as diferenças existentes entre si, como diferença de tamanho, de capacidades físicas, diferenças em vários aspectos, até mesmo da relação construída em sua convivência com todos os outros seres existentes ao seu redor. Dessa forma, criaram as diversas adequações para que ocorresse uma relação resguardada. A esse respeito, assegura o autor:

Essa adequação reiterava dos vários seres a si mesmos e de uns a outros, levou, naturalmente, o espírito do homem a perceber certas relações. Essas relações, que exprimimos pelas palavras grande, pequeno, forte, rápido, lento, medroso, ousado e outras ideias semelhantes, comparadas ao azar da necessidade e quase sem pensar nisso, acabaram por produzir-lhe uma certa espécie de reflexão, ou melhor, uma prudência maquinal, que lhe indicava as precauções mais necessárias à sua segurança (ROUSSEAU, 2005a, p. 88).

Através de sua habilidade de perfectibilidade³, o homem foi compreendendo seu poder de superioridade para com os outros animais que ao seu redor existiam, assim como também entre os de sua mesma espécie. Muitas eram as diferenças em todas as relações, fato que o levou a refletir. Luzes surgiram em meio as novas situações em que viviam, para que desenvolvesse novos raciocínios e tomasse novas medidas para o seu bem-estar. Desse modo, Rousseau afirma:

As novas luzes, que resultaram desse desenvolvimento, aumentaram sua superioridade sobre os demais animais, dando-lhe consciência dela. Aplicou-se a preparar armadilhas, revidou-lhe os ataques de mil maneiras e, embora inúmeros deles o sobrepassassem em força no combate ou em rapidez na corrida, daqueles que poderiam servi-lo ou nutri-lo veio a tornar-se, com o tempo o senhor de uns e o flagelo de outros. Assim, o primeiro olhar que

³ Termo utilizado por Rousseau para referir-se ao dom que o homem possui de aperfeiçoar-se.

lançou sobre si mesmo produziu-lhe o primeiro movimento de orgulho; assim, apenas distinguindo as categorias por considerar-se o primeiro por sua espécie, dispôs-se desde logo a considerar-se o primeiro como indivíduo (ROUSSEAU, 2005a, p. 88-89).

O homem tornou-se tão reflexivo em suas observações que inicia a criação de muitas táticas para se sair bem em todas as situações difíceis em seu habitat. Começa, então, a perceber que pode se servir dos animais, como também uns dos outros de várias formas. Logo, por meio de sua inteligência, nota que muito pode se satisfazer e daí começa a surgir o orgulho e a esperteza. Então, aparecem seus primeiros sentimentos de preocupação com a sua própria conservação. Para Rousseau, “o primeiro sentimento do homem foi o de sua existência, sua primeira preocupação a de sua conservação. As produções da terra forneciam-lhe todos os socorros necessários, o instinto levou a utilizar-se deles” (ROUSSEAU, 2005a, p. 87).

Dessa reflexão, o autor acredita que o homem começou a se perder do estado original, do estado de natureza, se preocupando com sua existência e percebendo suas necessidades vitais, como também necessidades que vinha a satisfazer seu ego de superioridade, então surge mais uma ideia que se pode dizer que foi o marco para a iniciação da sociedade civil, segundo o pensamento de Rousseau.

O verdadeiro fundador da sociedade civil foi o primeiro que, tendo cercado um terreno, lembrou-se de dizer isto é meu e encontrou pessoas suficientemente simples para acreditá-lo. Quantos crimes, guerras, assassínios, misérias e horrores não poupou ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou enchendo o fosso, tivesse gritado a seus semelhantes: “Defendei-vos de ouvir esse impostor; estareis perdidos se esquecerdes que os frutos são de todos e que a terra não pertence a ninguém!”. Grande é a possibilidade, porém, de que as coisas já então tivessem chegado ao ponto de não poder mais permanecer como eram, pois, essa ideia de propriedade, dependendo de muitas ideias anteriores que só poderiam ter nascido sucessivamente, não se formou repentinamente no espírito humano. Foi preciso fazer-se muitos progressos, adquirir-se muita indústria e luzes, transmiti-las e aumenta-las de geração para geração, antes de chegar a esse último termo do estado de natureza (ROUSSEAU, 2005a, p. 87).

Quantos males teriam deixados de existir se alguém tivesse impedido o homem de iniciar tão terrível ato, que foi dar início a propriedade privada. Certamente, a desigualdade social não teria acontecido, visto que a partir desse ato vantajoso para um único homem muitos outros se viram desamparados. Tal ação individual de alguns foi se apropriar de uma

parte de terra com tudo que nela existia, fertilidade, frutos, riquezas minerais, animais, entre outros, o que na verdade deveria ser propriedade de todos.

Como consequência dessa ação surge o sentimento da ganância, que leva os indivíduos a pensarem unicamente no bem próprio, dessa forma surge a desigualdade, que vai se alastrando no ambiente coletivo. O poder de dividir em classes cresce: rico e pobre; poderoso e fraco. Os mais fortes têm poder e autoridade sobre os mais fracos.

Segundo Rousseau, o apropriar-se de uma parte da natureza que é de todos para si, é um ato de furto, não é um ato natural, sendo um ato problemático que vem destruir a ordem natural das coisas. Disso surgem sentimentos maléficos como o egoísmo, a ambição, a competição, o autoritarismo e as injustiças. Surge também o desejo de superioridade, sentimentos e ações que foram surgindo no último estágio da natureza, quando se afastava desse estado, que é nomeado pelo filósofo como Estado Civil.

3 ASPECTOS DA DESIGUALDADE

Neste capítulo, apresentaremos as reflexões de Rousseau a respeito da desigualdade. Para o pensador, essa está dividida em duas realidades bem expressivas, a saber: a desigualdade natural ou física, que já está expressa na própria palavra, ou seja, é a que vem da configuração original dos indivíduos, e a desigualdade moral ou política, imposta por uma sociedade corrompida e que produz regras para corromper e impor suas leis a todos que fazem parte dela.

É importante ressaltarmos que em sua obra o *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* (2005a), Rousseau aborda algumas ideias relevantes para a filosofia política. É imprescindível para o filósofo refletiremos sobre a moralidade humana e sobre o homem natural. Desse modo, para o pensador, trata-se de avaliar as discordâncias a respeito dessas ideias, uma vez que grande parte dessas especulações são apresentadas de modo superficial. Assim, para o autor, essas mesmas não conseguem mergulhar na origem do ser natural, e por isso não trazem a verdade em seus pensamentos. Por isso, afirma que para iniciar seu discurso se faz necessário esquecer tudo que dizem sobre a desigualdade. Leiamos o que ele afirma a esse respeito:

Comecemos, pois, por afastar todos os fatos, pois eles não se prendem a questão. Não se devem considerar as pesquisas, em que se pode entrar neste assunto, como verdades históricas, mas somente como raciocínios hipotéticos e condicionais, mais apropriados a esclarecer a natureza das coisas do que a mostrar a verdadeira origem e semelhantes aquelas que, todos os dias, fazem nossos físicos sobre a formação do mundo. A religião nos ordena a crer que, tendo o próprio Deus tirando os homens do estado de natureza logo depois da criação, são eles desiguais por que assim o desejou; ela não nos proíbe, no entanto, de formar conjeturas extraídas unicamente da natureza do homem e dos seres o circundam, acerca do que se teria transformado o gênero humano se fora abandonado a si mesmo. Eis o que me perguntam e o que me proponho a examinar neste Discurso [...]. Tudo o que estiver nela será verdadeiro [...]. Os tempos que vou falar são muito distantes; como mudastes! (ROUSSEAU, 2005a, p. 52-53).

Assim, Rousseau pede para os que irão acompanhá-lo em seus pensamentos que, em primeiro lugar, esqueçam todos os fatos, pesquisas e pensamentos existentes até aquele momento, pois em seu entender esses relatam mais as coisas no estado atual do que mesmo o ser humano no estado de natureza. Afirma que a religião em seus ensinamentos dá a liberdade de tirar as teses sobre o homem natural após a criação e seu desenvolvimento. Então, podemos constatar que como afirma o pensador, suas ideias possuem um cunho verdadeiro, pois

acredita que o homem em estado natural nasce livre, feliz e bom, e que em sociedade se torna infeliz e aprisionado. Em vista disso, anuncia o autor:

O homem nasce livre, e por toda a parte encontra-se a ferros. O que se crê senhor dos demais, não deixa de ser mais escravo do que eles. Como adveio tal mudança? Ignoro-o. Que poderá legitimá-la? Creio poder resolver esta questão. Se considerasse somente a força e o efeito que dela resulta, diria: “Quando um povo é obrigado a obedecer e o faz, age acertadamente; assim que pode sacudir esse jogo e o faz, age melhor ainda... A ordem social, porém, é um direito sagrado que serve de base a todos os outros. Tal direito, no entanto, não se origina da natureza: funda-se, portanto, em convenções (ROUSSEAU, 2005b, p. 53-54).

Constatamos que para filósofo o homem se perdeu, se escravizou na vivência com os outros. Por essa razão, o homem está a cada dia mais distante do seu estado de origem, visto que essa vivência em sociedade trouxe muito mais perdas para os homens do que ganhos, dado que por meio dessa convivência se estabeleceu com ela a desigualdade e a dependência uns dos outros. Assim, para o autor isso tirou sua essência mais sagrada que era o estado de natureza. Isso, ou seja, a convivência mútua entre os homens tornou esse um ser social, que não tem a liberdade e não consegue encontrá-la com os outros. A partir dos seus pensamentos, reflitamos o que significa para Rousseau as desigualdades que nomeia.

3.1 DESIGUALDADE NATURAL OU FÍSICA

A desigualdade natural ou física é a que está estabelecida pela natureza. Isso significa que durante todo tempo essa já esteve presente na vida do homem como: a força, a saúde, a idade, entre outras. Rousseau (2005a) afirma que essa não causa problemas ao ser humano. Visto que, por serem inevitáveis suas consequências não são de grande malefício aos homens, pois a própria natureza se incumba de equilibrar e, assim, é possível viver no estado de natureza dessa forma, cada um com alguma deficiência, ou para sermos mais claros, com alguma desigualdade existente. É importante afirmarmos: sem que isso seja imposto a força ou por qualquer outro que o escravize ou subjuguem em seu habitat. Sobre essa questão, afirma o filósofo:

Vejo um animal menos forte do que uns, menos ágil do que outros, mas, em conjunto, organizado de modo mais vantajoso do que os demais. Vejo-o fartando-se sob um carvalho, refrigerando-se no primeiro riacho, encontrando seu leito ao pé da mesma árvore que lhe forneceu o repasto e,

assim, satisfazendo a todas as suas necessidades (ROUSSEAU, 2005a, p. 58).

Sob a ótica do filósofo, a vida humana no estado natural em meios aos desafios existentes era pacífica e repleta de uma verdadeira liberdade, sem imposições de regras criadas para serem cumpridas forçadamente. Assim, o homem forte, corajoso e independente não era possuidor de desejos vantajosos, apenas se apropriava da liberdade que lhe era própria, ou seja, oferecida pela natureza, como era igualmente oferecida aos outros animais. Por isso, todas as situações eram normais aos seus olhos e a beleza da paisagem tornava-se indiferente a esse homem. Nessa belíssima passagem afirma o filósofo:

[...] O espetáculo da natureza, por muito familiar, torna-se-lhe indiferente; é sempre a mesma ordem, são sempre as mesmas revoluções; não possui espírito para espantar-se com as maiores maravilhas e não é nele que se deve procurar a filosofia de que o homem tem necessidade para saber observar por uma vez o que sempre viu. Sua alma, que nada agita, entrega-se unicamente ao sentido da existência atual sem nenhuma ideia de futuro, ainda que próximo, e seus projetos, limitados como suas vistas dificilmente se estendem até o fim do dia (ROUSSEAU, 2005a, p. 66-67).

No estado de natureza, a igualdade era real, ou melhor, não se esperava nada mais do que ela própria podia dar aos homens. Sendo assim, sem preconceitos nem desejos de realizações, o homem primitivo não admirava nada e nada esperava da vida, pois tudo lhe era comum, até mesmo as grandes belezas proporcionadas pela natureza lhe eram tão familiares que nem as percebia e muito menos se surpreendia com essas. Tudo que existia era para uma única finalidade, a realização de suas necessidades do momento. As diferenças físicas não eram vistas com relevância e não fazia do homem dependente de outros. Isso significava que era uma relação harmônica do homem com o todo existente em seu habitat. Desse modo, ninguém era mais ou menos favorecido, seus intentos ou projetos não tinham um objetivo duradouro, era o que o momento exigia.

O homem natural era um ser que não conhecia a vantagem ou a desvantagem, pois para ele o importante era satisfazer a necessidade atual. Esse não pensava num futuro distante, muito menos em adquirir bens materiais, se satisfazia com o presente e do que era necessário para sua sobrevivência e seu bem-estar. Aos modos originais, procurava a região, a localidade que pudesse viver dessa forma. Esse modo era o melhor para o homem no estado de natureza, isso revela viver uma vida sem critérios ou exigências rígidas fora desse mundo, dado que as regras são criadas por ele próprio. Assim, sua felicidade estava numa vida voltada para a

natureza com tudo que ela podia lhe conceder de forma igualitária para todos e sem distinção de raça, cor ou gênero.

Contudo, ao longo do tempo, o homem foi passando por muitas experiências no estado de natureza. Esse desenvolveu várias habilidades diferentes dos outros animais. A observação, a maturação do pensamento e a reflexão fez do homem um ser distinto de todos os outros. Daí, por ser um ser de pensamento e que se adapta à realidade que lhe é apresentada, percebe que o número de homens está aumentando, e o enfrentamento dessa situação agora complexa, trouxe muitas mudanças. É importante ressaltarmos que isso ocorreu lentamente. Então, o homem foi percebendo que conviver em grupos era uma forma mais conveniente, uma vez que esses poderiam se ajudar mutuamente, coisas que eles não tinham experimentado no estado de natureza. Dessa maneira, ou seja, vivendo em pequenos grupos, família, depois a comunidade, e foi assim que o homem se afastou cada vez mais do estado original e inicial de sua existência.

3.2 DESIGUALDADE MORAL OU POLITICA

Quando Rousseau expressa sobre a desigualdade moral ou política, afirma que essa é decorrente de inúmeras questões derivadas e existentes no convívio social. Vejamos o que o pensador afirma a esse respeito:

[...] a outra, que se pode chamar de desigualdade moral ou política, porque depende de uma espécie de convenção e que é estabelecida ou, pelo menos, autorizada pelo consentimento dos homens. Esta consiste nos vários privilégios de que gozam alguns em prejuízo de outros, como o serem mais ricos, mais poderosos e homenageados do que estes, ou ainda por fazerem-se obedecer por eles (ROUSSEAU, 2005a, p. 51).

Podemos compreender que para o pensador, a desigualdade moral ou política é consequência de uma longa caminhada em meio as experiências de convívio em comunidade, como já havíamos mencionado antes. Por conseguinte, em meio aos desafios, conflitos e necessidades encontradas em seu convívio, o homem foi sendo estimulado a conviver em comunidade. Esse foi fazendo descobertas, conhecendo as necessidades e, com sua capacidade humana de aperfeiçoamento, foi vivendo essa evolução que possibilitou não só o desenvolvimento, a prosperidade e o progresso, mais também vieram acompanhados de situações que lhe afastou das primícias dos primeiros tempos, da inocência e da integridade natural que o homem possuía. Ao se afastar do mundo natural, o homem foi incorporando a

degradação e a degeneração moral e social, resultado do surgimento da propriedade privada. Essa trouxe toda a intensidade da violência, corolário da desigualdade entre os homens.

Com a convivência social por necessidade e com a vivência em grupos, o homem foi levado a observar o outro que com ele convivia. Essa experiência foi se aprofundando, e com um olhar mais minucioso, reflexivo e observador, o homem foi percebendo defeitos, qualidades, habilidades e fraquezas que o outro possuía. Na concepção do pensador, é a partir daí que surgem as comparações, juntamente com alguns sentimentos como a inveja, o desejo de se sobressair, o querer ser melhor e dominar o outro. Em virtude disso, anuncia Rousseau:

Acostumam-se a considerar os vários objetos e a fazer comparações; insensivelmente, adquirem-se ideias de mérito e beleza, que produzem sentimentos de preferência... Cada um começou a olhar os outros e desejar ser ele próprio olhando, passando assim a estima pública a ter um preço [...] (ROUSSEAU, 2005a, p. 92).

Junto com as mudanças internas, relacionadas ao comportamento humano, nos desejos que surgiam em seu ser, estavam sendo alimentados desejos de vaidade e de ser admirado. Também aconteceram as mudanças externas, na realidade social, ou seja, as transformações climáticas. O homem foi se adequando aquilo que acreditava ser o melhor para a sua vida. Contudo, para dar vazão a esses sentimentos e se destacar frente ao outro, ou melhor, na condição de submeter o outro, é que surgem a desigualdade, as intrigas, as injustiças e o desejo de dominar. Desse modo, o poder foi constituído dentro da sociedade, afastando cada vez mais o indivíduo do seu estado natural e com esse a liberdade que cada um possuía na natureza. Esse mundo construído por normas, regras e imposições marcou a sujeição do homem pelo homem. Por essa razão, ratifica o filósofo:

Tal foi ou deveu ser a origem da sociedade e das leis, que deram novos entraves ao fraco e novas forças ao rico, destruíram irremediavelmente a liberdade natural, fixando para sempre a lei da propriedade e da desigualdade, fizeram de uma usurpação sagaz um direito irrevogável e para proveito de alguns ambiciosos, daí por diante sujeitaram todo o gênero humano ao trabalho, a servidão e a miséria (ROUSSEAU, 1983, p. 269-270).

Na percepção de Rousseau, a propriedade privada nada mais é do que uma usurpação, um afanar de alguns homens sobre a natureza, ou seja, a apropriação das coisas do mundo, e ao fazerem isso a maioria dos homens se submeteram a essas práticas. Na natureza, há espaço para todos sem nenhum critério ou regra, porém, a vaidade e a esperteza humana se apropriaram do coração de alguns. Assim, com a apropriação e exibição de poder desses, os

mesmos produziram o pensamento do forte sobre o fraco. Desse modo, é possível ressaltarmos que isso gerou não só a desigualdade, mas também abriu espaço para a dependência da maioria dos homens por aqueles que detinham o poder. O filósofo descreve em seu livro II, *Emílio*, dois tipos de dependência humana: uma ele nomina de benéfica e a outra de maléfica. Vejamos em sua obra *Emílio* como o autor compreende a dependência:

Existem dois tipos de dependência: a das coisas, que é da natureza, e a dos homens, que é da sociedade. Não tendo nenhuma moralidade, a dependência das coisas não prejudica a liberdade e não gera vícios; a dependência dos homens, sendo desordenada, gera todos os vícios e é por ela que o senhor e o escravo depravam-se mutuamente (ROUSSEAU, 2004, p. 82).

Podemos entender que no estado de natureza tudo é ordenado para que exista igualdade, até mesmo quando se fala em dependência, pois o homem depende das coisas da natureza para viver. Já no Estado Civil, a dependência é doentia, é escravocrata, há regras. As leis instauradas são impostas pela sociedade, que privilegia poucos e submete muitos. Esses últimos se tornam oprimidos. Não há liberdade nessa sociedade. Por esse motivo, os conflitos se tornam inevitáveis, de modo que se observa o ápice dos males existentes na sociedade. Assim, para o autor:

O homem, de livre e independente que antes era, devia a uma multidão de novas necessidades passou a estar sujeito, por assim dizer, a toda a natureza e, sobretudo, a seus semelhantes, dos quais num certo sentido escravo, mesmo quando se torna senhor; rico tem necessidade de seus serviços; pobre, precisa do seu socorro, e a mediocridade não o coloca em situação de viver sem eles (ROUSSEAU, 1983, p. 267).

O filósofo afirma que os homens são destruídos pelos desejos artificiais, pois esses tornaram os homens viciados por seus desejos. No sentido de que esses desejos não são necessários. Todavia, as coisas desejadas vão se tornando imprescindíveis para a vida dos homens. Logo, tanto o rico como o pobre tornam-se dependentes um do outro. Os primeiros precisam dos subalternos para lhes servirem e para trabalharem para esses, e assim terem seu conforto com os esforços dos mesmos. Já os pobres, submissos, necessitam dos poderosos para proverem seu sustento e sobrevivência, visto que esses são proprietários de terras, engenhos, de gados, etc.

Podemos afirmar que uma vez inseridos numa sociedade desigual, tanto os ricos quanto a classe submissa se tornam dependentes um dos outros. Assim, se faz possível reconhecer que a felicidade dá lugar a infelicidade. Nessa sociedade, os homens

experimentam a corrupção, tornando-se escravos das coisas, das normas. Na concepção de Rousseau:

Como a estátua de Glauco, que o tempo, o mar e as intempéries tinham desfigurado de tal modo que se assemelhava mais do que um animal feroz, do que a um deus, a alma humana, alterada no seio da sociedade por milhares de causas sempre renovadas, pela aquisição de uma multidão de conhecimentos e de erros, pelas mudanças que se dão na constituição dos corpos e pelo choque continuo das paixões, por assim dizer mudou de aparência a ponto de tornar-se quase irreconhecível (ROSSEAU, 1983, p. 227).

Diante dessa comparação, Rousseau afirma que o homem deturpa a sua imagem original e entra num estágio irreversível, pois o progresso é enigmático, dúbio e o estado original, ou melhor, natural, que ficou para trás, torna-se irrecuperável. O homem numa Sociedade Civil se perdeu de sua origem e se tornou completamente dependente do que a nova sociedade lhe ofereceu, sendo seduzido por inteiro, acolhendo todas as mudanças passivamente, e até sendo promotor de muitas mudanças, as quais poucos tiravam proveito próprio e muitos sofriam as consequências de tais mudanças, trazendo à tona a desigualdade em todos os âmbitos da sociedade. Uma realidade que está presente até os dias atuais, demonstrando ainda maior força.

Então, podemos concluir que Jean Jacques Rousseau denuncia a vivência em Sociedade Civil na forma que o homem se organizou, dado que essa só lhe trouxe desigualdade em todas as esferas sociais e pessoais, acarretando a infelicidade, considerando o fato do homem ter perdido o que lhe era mais precioso: a liberdade no seu estado original. Porém, no *Contrato Social* (2005b), Rousseau afirma que a felicidade só será ressarcida ao homem por meio de uma política ética e responsável, onde o povo possa participar. É assim que se desenvolve uma sociedade justa, na qual as leis são instituídas como um o pacto social, sendo voltadas para o bem comum, e não apenas para uma minoria. O autor também critica a política opressora e defende uma política justa e igualitária, colocando a sua esperança em uma sociedade comprometida com o bem coletivo.

4 SOBRE A DESIGUALDADE NO BRASIL

Nesse capítulo, trataremos sobre a desigualdade no Brasil, buscando fazer uma leitura da atualidade à luz do pensamento de Rousseau. Contudo, para isso, se faz necessário recorrermos a vários dados levantados a respeito da situação do Brasil no que diz respeito aos contrastes sociais e econômicos. Essa discussão não é um assunto que ficou no passado, mas é uma discussão presente que ultrapassou o tempo e a história da humanidade de maneira assustadora e, a cada dia podemos comprovar seu crescimento no mundo como um todo, e em especial queremos frisar a desigualdade no nosso país. Queremos aqui, à luz de algumas ideias, entender as razões pelas quais essa chaga brotou no Brasil e as suas consequências para a sociedade brasileira.

Rousseau ressalta que desde que o ser humano resolveu viver em comunidade o homem foi descobrindo os pontos fracos e os pontos fortes uns dos outros. E foi como os ganhos de uns e as perdas de outros que a igualdade foi desaparecendo e dando lugar a desigualdade. É importante chamarmos a atenção sobre isso, uma vez que a cada dia essa se fortalece e se aperfeiçoa em todos os segmentos da sociedade. Sobre isso, leiamos como afirma o pensador:

Desde o instante em que um homem sentiu necessidade de socorro do outro, desde que se percebeu ser útil a um e só contar com previsões para dois, desapareceu a igualdade, introduziu-se a propriedade, o trabalho tornou-se necessário e as vastas florestas tornou-se em campos aprazíveis que se impôs regar com o suor dos homens e nos quais logo se viu a escravidão e a miséria germinarem e crescerem com as colheitas (ROUSSEAU, 2005a, p. 94).

Podemos refletir com Rousseau que desde que se iniciou a Sociedade Civil, o homem trouxe junto a desigualdade. Essa é vista pelo filósofo como algo negativo. Assim, a criação da sociedade em sua visão é compreendida como uma organização injusta em muitos aspectos, dado que acredita que essa não trouxe nenhum benefício, e sim grandes e irreparáveis malefícios que se agravam até os dias atuais.

O termo desigualdade retrata o contrário de igualdade, ou seja, é o desequilíbrio existente entre o uso indiscriminado dos objetos, da falta de respeito à natureza e, do mesmo modo, a utilização das pessoas como coisas. Isso significa que a convivência entre homens dessa maneira é algo disfuncional. A desigualdade é um termo carregado de negatividade, pois traz em si a diferença, seja ela qual for: de raça, de sexo, de classe social e etc. Quando falamos sobre desigualdade podemos observar os inúmeros desafios existentes na maioria dos

países. A História da humanidade apresenta inúmeros exemplos de contrastes existentes em todo o mundo.

Se fizermos uma reflexão crítica sobre a História do Brasil, veremos que este foi o país que mais recebeu escravos. Isso levou o país a naturalizar a diferença social, aceitando pacificamente que as riquezas do país se concentrassem nas mãos de uma minoria, enquanto a maioria é obrigada a viver na miséria, mesmo que em meio a algumas lutas que procuram combaterem as grandes desigualdades. Segundo o economista e pesquisador brasileiro Marcelo Neri, no Brasil, durante os anos de 1990 a 2014, a pobreza caiu cerca de 75%. Depois desse período, emergiu uma crise que levou a pobreza a um crescimento de 40% (DESIGUALDADE GLOBAL..., 2019, on-line). O aumento dessa desigualdade tende a acarretar muitos males a toda a sociedade, como assaltos, homicídios e tantas outras violências presentes na sociedade.

É questionável que o Brasil muito recentemente viveu dois períodos muito diferentes um do outro. Na década passada, vivemos um forte crescimento econômico, um verdadeiro aumento na economia. Com isso, foi possível ver uma grande mudança econômica-social em nossa sociedade. A partir dessa realidade, houve a solução de um grande problema que tínhamos que era a fome que matava tantos, e que foi quase que extinta da realidade do Brasil com a aplicação de uma série de políticas públicas. Isso fez com que o Brasil saísse do mapa da fome. Para a ONU (Organização das Nações Unidas), o programa Fome Zero, lançado no primeiro mês do governo Lula, em 2003, foi o primeiro passo para acabar com a fome no Brasil. Conforme relatório da organização supracitada, entre 2002 a 2013, a população de brasileiros considerados em situação de subalimentação caiu 82% (ONU APONTA QUE BRASIL..., 2014, on-line).

Segundo a FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura), contribuíram para este resultado o aumento de 10% na oferta de alimentos; o crescimento da renda dos mais pobres com aumento real de 71,5% do salário mínimo e geração de 21 milhões de empregos; o Programa Bolsa Família, que beneficia 14 milhões de famílias; a merenda escolar garantida para 43 milhões de crianças e jovens; e a governança, transparência e a participação da sociedade com a recriação do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional - CONSEA (ONU APONTA QUE BRASIL..., 2014, on-line).

Todos estes esforços realizados pelo Brasil permitiram que a pobreza fosse reduzida de 24,3% a 8,4% entre 2001 e 2012, enquanto a pobreza extrema também caiu de 14% para 3,5%. Com isto, ‘chegamos a um percentual de 1,7% de subalimentados, o que significa

que 98,3% da população brasileira tem acesso a alimentos e tem segurança alimentar”, destacou a então ministra do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Tereza Campelo (ONU APONTA QUE BRASIL..., 2014, on-line). Em relatório sobre essa questão, a ex-ministra ainda ressaltar que:

Para um País conseguir combater a fome tem que colocar o pobre no centro da meta e transformar aquilo em prioridade. Se não assumir que combater a fome é essencial, não vai acabar [...]. Para que resultados como esses aconteçam, tivemos que articular vários setores. Não é um programa ou outro que consegue sozinho. São vários fatores que, juntos, colaboram com o resultado (RELATÓRIO INDICA QUE BRASIL SAIU..., 2014, on-line).

Dentre outras coisas que observamos na década anterior, destaca-se a diminuição do número de desempregados e o aumento anual do salário-mínimo, dando mais condições e dignidade de vida para as pessoas que antes se encontrava em situação de miséria ou na classe média baixa. Observamos, então, que as políticas públicas foram voltadas para a resolução dos problemas existente no país durante muitas décadas.

Fica claro que a desigualdade de antes era alta e teve o seu enfraquecimento na década anterior a partir das políticas públicas que visavam enfraquecer a miséria do país. Todavia, hoje, mais uma vez, a desigualdade volta a se fortalecer e se tornar presente como um aspecto crescente para os dias de hoje, ou seja, a desigualdade brasileira está ainda mais forte que antes. A desigualdade que não foi extinta totalmente, mas que antes tinha declinado, agora passa a ser ao mesmo tempo o mais novo e antigo protagonista da história do nosso país, de tal modo que tudo aquilo que antes a população da classe menos favorecida havia ganhado, melhorando de vida, adquirindo dignidade, agora começa totalmente a regredir, ocasionando muitas perdas.

No período que compreende o governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) ao primeiro mandato da Presidente Dilma Roussef (a partir de 2011), foi possível comprovar que 50% da população considerada pobre conseguiu aumentar sua renda econômica, atingindo 71% entre as classes sociais do país, porém, a partir de 2014, esses números caem, atingindo 17% de queda (DESIGUALDADE GLOBAL..., 2019, on-line). Isso nos leva a entender que as políticas públicas que favoreciam as classes menos favorecidas estavam sendo revistas e eliminadas pelas autoridades responsáveis. Os políticos eleitos por essa mesma população que viram momentos de dignidade com os gestores passados e que prometeram melhorar a vida econômica e social do país, e assim o fez. Todavia, o povo em sua ingenuidade, ou por alguma troca de favor elege novos gestores que trazem um discurso

convincente, os quais ao chegarem ao poder, contudo, retiram as conquistas da classe menos privilegiadas e mais sofridas.

Esses dados nos mostram claramente que a desigualdade volta ao seu crescimento, dando espaço para a pobreza reinar. Podemos observar, ainda, que as autoridades deixam a população desta áreas periféricas a margem da miséria e dos perigos sociais, sem dar suporte algum para as necessidades do povo que aí reside e que acreditam que seriam representados e defendidos pelos políticos que elegeram como aconteceu na gestão anterior, do governo Lula. É possível observarmos um traço gigantesco da desigualdade em nosso país fazendo um paralelo entre as favelas e as áreas nobres onde moram pessoas de grandes posses.

No documentário da TV Folha (DESIGUALDADE GLOBAL..., 2019, on-line), são mostrados os moradores de uma favela chamada Sol nascente, situada no Distrito Federal. Esses moradores vivem uma decadência extrema, ao mesmo tempo em que não muito longe, no que diz respeito a questão territorial, estão os grandes homens da sociedade, o alto escalão do funcionamento público de Brasília. O documentário mostra claramente a dualidade tão presente na nossa sociedade: de um lado, os moradores das favelas, os mais pobres, os abandonados, os esquecidos. No outro, os grandes funcionários públicos com salários gigantescos, bem assistidos e com toda uma qualidade de vida, o que no caso é apresentado em referência a capital do nosso país, Brasília. “É tanto dinheiro e a gente sem nada, a gente sobrevive com um salário mínimo [...] os filhos da gente querendo comer e nós não tem é triste” (DESIGUALDADE GLOBAL..., 2019, on-line), relata uma das personagens. Tal contexto de desigualdades escancaradas se constitui como um dos principais problemas do país que é, deter tanta riqueza, a qual se bem distribuída possibilitaria a todos uma vida sem privações.

Quadro semelhante é visto, também, quando se mostra no documentário a comunidade Paraisópolis, em São Paulo, em paralelo ao Morumbi, explicitando mais uma vez uma desigualdade que é escrachada. No que remete a Paraisópolis, observamos o tamanho do preconceito que existe com os cidadãos que ali residem. Moradores do Morumbi que buscam oportunidade de trabalho, ao dizerem que moram no bairro de luxo, possuem mais chances, em contraste com os moradores da comunidade de Paraisópolis, que por pertencerem a uma área marginalizada, são descartados automaticamente. Se fizermos mais um paralelo, claramente se percebe quão grande é a desigualdade social nesses bairros, ao vermos a comparação com a comunidade do Vidigal situado entre os bairros mais nobres do Rio de Janeiro, o Leblon e São Conrado. Uma frase de um morador do Vidigal mostra claramente os traços dessa gigantesca desigualdade social: “Daqui do Vidigal dá para ver o Leblon, um dos

lugares onde é mais caro o metro quadrado. Aqui a luz acaba, lá fica tudo iluminado, lá não pode, mas aqui pode? Aqui não vem carro dos correios, mas o caveirão vem” (DESIGUALDADE GLOBAL..., 2019, on-line). Isso desmascara cada vez mais o gigantesco perigo que o Brasil está enfrentando, levando em conta que a desigualdade social faz com que as pessoas passem a perder totalmente o valor da sua vida. Isso significa que você é aceito ou não por aquilo que tem, ou seja, a posse de bens ou dinheiro, uma vez que vale mais quem tem muito, e vale muito pouco aquele que nada tem. Quando vale algo, pois na maioria das vezes, se não tem, não vale nada.

Nesse contexto, se faz necessário no Brasil o desenvolvimento, manutenção e adoção de políticas públicas, as quais infelizmente vem sendo constantemente atacadas e descontinuadas, já que alguns políticos não assumem o compromisso com o povo que sofre e não proporcionam instrumentos e maneiras onde todos possam viver uma vida digna, elemento que está garantido na Constituição Brasileira, onde é afirmado que todo ser humano deve ter garantido o direito a uma vida digna (BRASIL, 1988). Entretanto, na prática, isso não funciona, dado que a cada dia a vida da maioria das pessoas está mais precária. Se faz necessário, então, que homens e mulheres lutem por dignidade, emprego e renda, por uma educação de qualidade, para que caiam os muros da desigualdade no país

Diante de todas essas necessidades coletivas sofridas pelo Brasil, queremos trazer à luz um educador brasileiro que acreditava nas mudanças sociais. Para ele, o caminho mais viável para a superação dessas barreiras seria a educação realista, crítica e atuante. Estamos nos referindo a Paulo Freire. Ele lutou com todas as forças para que a mudança acontecesse. Deixou um legado importantíssimo para todos que sonham com a justiça verdadeira para o país. Paulo Freire, em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, afirma: “Falar, por exemplo, em democracia e silenciar o povo é uma farsa. Falar em humanização e negar os homens é uma mentira” (FREIRE, 1981, p. 96).

É impressionante perceber que há décadas atrás Paulo Freire cita uma verdade presente não só na década passada, mas que pode ser vista com muita ênfase nos dias atuais. Muito se fala sobre democracia, direito de todos e dignidade, porém, na prática, o povo continua a viver brutas e escandalosas injustiças, muitos preconceitos, tanto de raça como de gênero e de classe social, acarretando o machismo, feminicídio, homofobia, racismo, preconceito e genocídio indígena, preconceito contra os moradores de rua e muitos outros que sofrem com o ataque e a falta de direitos.

Quando um grupo desperta e resolve lutar por uma vida mais digna, ressaltamos sempre pensando na sociedade como o todo, e nunca em sua causa unicamente própria,

observa-se que esse grupo é intitulado como vândalos, anarquistas e etc., atributos que tem como função chocar e silenciar as lutas sociais. Assim, se enfraquece a luta e o poder permanece nas mesmas mãos dos opressores disfarçados de pessoas com boas intenções. Dessa forma, esses conseguem que o povo acredite está vivendo em uma democracia quando na verdade a desigualdade continua a se apoderar de todas as esferas sociais, e continua numa situação desfavorável e insuportável para as classes menos favorecidas. Isso significa que a classe dominante se beneficia de forma absurda dos mais necessitados.

Diante dessa verdade é possível concordarmos que um dos caminhos para que aconteça uma mudança real é a educação. Por isso é que a mesma é controlada pelo Estado, mesmo as escolas particulares são obrigadas a serem dirigidas por esse sistema, o qual propõe uma educação unicamente didática, com uso exclusivo de livros sem que aconteça uma formação compartilhada, reflexiva e crítica. Consequentemente, para que não aconteça que o sujeito seja impedido de refletir, de compartilhar e opinar, o sujeito precisa ter autonomia e poder de decisão. Logo, a autonomia do indivíduo, segundo Gallo, em sua obra *Pedagogia do risco*, se dá pelo “desenvolvimento livre e autônomo de todas as suas potencialidades, sendo a fonte de singularidade” (GALLO, 1995, p. 174). Gallo entende que só existem mudanças através da luta por direitos iguais. Ele defende que a filosofia é uma porta para o exercício da cidadania consciente, potencializada e libertária, onde diante das dificuldades ao invés dessas serem empecilhos para continuar na luta por dignidade, se tornam motivos para estimular o pensamento em ir além em busca dos seus ideais.

Jovens estudantes que desabrocham por meio dos estudos reflexivos, e que utilizam da razão para denunciar a desigualdade são intitulados de delinquentes, tendo em vista que lutam por uma sociedade mais justa e igualitária. Em pleno século 21, onde é pregado um sistema democrático com liberdade de expressão, esses jovens são silenciados e expostos à sociedade como alienados, inconsequentes e até taxados de “risco para a sociedade”. Para evitar a perda de controle, o modelo adotado pelo estado acaba levando o povo a continuar acreditando que ser um cidadão passivo é ter amor à pátria, ser obediente às leis, ser um cidadão de bem etc. Isso denota a cegueira que a sociedade está mergulhada, o que contribui para a permanência da desigualdade como se fosse algo de ordem natural.

Sabemos que a desigualdade foi criada pelo homem. Nesse sentido, se é sua criação, o próprio homem é capaz também de sucumbi-la, pois é um mal que assola a sociedade, logo, a ele mesmo. Podemos nos perguntar: Como conseguir uma resolução para um problema tão amplo? Observando a história, as riquezas naturais, encontraremos o caminho. O que falta são inúmeros fatores, como mudanças no sistema capitalista de produção para ser resolvida de

uma vez por todas, como a coragem de reivindicação da classe que sofre, e da coragem de dividir em fatias igualitárias as rendas da economia do país, que como visto, vive uma disparidade gritante no meio econômico, político e social, É necessário que isso aconteça, especialmente, na esfera econômica, onde os trabalhadores trabalham muito para permanecer vivendo com um salário indigno, enquanto seus empregadores se enriquecem a cada dia. Segundo Gallo, os únicos que podem reagir a essa realidade exorbitante são os que estão prejudicados, vivendo na pele essa diferença agressiva. Em virtude disso, afirma o autor: “a emancipação dos trabalhadores só pode ser obra deles mesmos” (GALLO, 1995, p. 31). Os desafios são inúmeros, mas é o único caminho para que se desenvolva uma nova sociedade, onde exista dignidade e justiça. Assim, as lutas em prol desse ideal têm que partir dos próprios injustiçados. Isso significa, nos moldes de Rousseau, não aceitar a privatização da natureza, visto que ela é de todos por direito natural.

Podemos ressaltar que o que nos falta como comunidade e sociedade são coisas simples, mais muito difíceis de se conseguir, pois vivemos numa cultura que foi massacrada pela ganancia e sede de poder. Portanto, implantar a igualdade passa pela moradia e salários dignos, por uma educação de qualidade que na lei diz ser direito de todos (BRASIL, 1988), porém, na prática, isso não acontece como deveria. Na verdade, o que o povo em geral precisa é tomar consciência do seu estado de miséria. Essa não está só ligada à cultura ou uma educação livresca, mas principalmente uma formação humana. No Brasil, como vimos, há alguns anos atrás foi dado início a algumas políticas voltadas para o povo. Foi comprovado que as mudanças estavam acontecendo. No entanto, a maioria dos políticos de direita temem perder o poder para o povo, uma vez que um povo instruído jamais aceitaria o que alguns políticos brasileiros fazem. Com efeito, esses políticos dificultam e constroem barreiras para a vida da maioria do povo, dado que se colocam a favor da classe dominante.

Citamos pelos menos algumas dificuldades que os trabalhadores enfrentam: melhores condições de trabalho e salário, política pública que garanta o direito à saúde, à educação e também à cultura. Contudo, os salários dos mais pobres são muito baixos em relação à classe política, de empresários e de profissionais liberais. Por essa razão, os que estão no poder preferem deixar o povo sem formação. Isso significa que, quanto mais alienado e passivo for o povo, melhor para a pequena parcela que se apropria da riqueza que deveria ser distribuída.

Rousseau já denunciava em sua época o pensamento de que a desigualdade estava na apropriação, na propriedade privada. As ideias do filósofo são atuais, visto que até hoje experimentamos a falta de um plano voltadas para o bem comum, de uma justiça igual para ricos e pobres. Podemos aqui citar outro pensador de nossa época que há poucos anos atrás

em suas pesquisas e estudos, buscava caminhos para que a humanidade sofrida conseguisse ver novos horizontes para sua verdadeira liberdade. Estamos nos referindo ao brasileiro Paulo Freire, o qual compreendia que a opressão sofrida pelos pobres numa sociedade desigual pode ser dissipada através da educação, por ter como certeza que a educação é política e é também cidadania. Nessa esteira, o autor refletiu em seus escritos sobre a necessidade de libertar os sujeitos e a sociedade da opressão. A esse respeito, o educador salienta: “todo nosso esforço neste ensaio foi falar desta coisa óbvia: assim como o opressor para oprimir, precisa de uma teoria da ação opressora, os oprimidos para liberta-se, igualmente necessitam de uma teoria de sua ação” (FREIRE, 1981, p. 217).

Conforme Freire (1981), a ação dialógica é uma prática democrática, a qual se faz necessária em todas as relações existentes na sociedade, para que assim se rompa a cultura de relações verticalizadas para uma relação no sentido horizontal, onde todos têm voz e vez, todos têm saberes e sonhos. Acreditamos que esse também era o objetivo de Rousseau e de muitos outros que sonhavam com uma vida social bem estruturada, com direitos iguais para todos, não apenas na teoria, mas principalmente na prática, pois em toda a história da humanidade muitos estudiosos perceberam a disparidade de direitos existente na sociedade e buscaram orientar com suas ideias e conhecimentos sobre formas para que aconteçam mudanças significativas, especialmente para os que se encontram em estado de risco, de opressão e em situação de desigualdade.

Paulo Freire foi ao encontro de pessoas que viviam à margem da sociedade, os quais conheciam apenas o trabalho duro. O estudioso realizou um trabalho de pesquisa de alfabetização que visava desvendar horizontes, apresentando a importância que cada ser humano possui no seio social. Desse modo, a partir de suas pesquisas e práticas, percebeu que o melhor caminho para uma mudança social é por meio da educação. Leiamos o que ele escreve a esse respeito: “Hoje, mais do que em outras épocas, devemos cultivar uma educação da esperança enquanto empoderamento dos sujeitos históricos desafiados a superarmos as situações limites que nos desumanizam a todos” (FREIRE, 1994, p. 11).

A afirmação de Freire (1994) se mostra como uma verdade ainda atual, pois é comprovado mundialmente a decadência social brasileira por falta de uma educação política voltada para o bem comum da sociedade, a qual não seja voltada apenas para uma elite privilegiada que se enriquece absurdamente enquanto as classes desfavorecidas ficam cada vez mais pobres e desprovidas do essencial para a sua sobrevivência. Se faz necessário uma política educativa voltada para um todo, uma prática educativa que forme cidadãos críticos e

autônomos. Dessa forma, o país poderá ter meios para o seu desenvolvimento em todas as suas áreas, tornando-se uma nação para além de desenvolvida, igualitária.

Durante o Fórum Econômico Mundial que aconteceu em janeiro de 2020, foi apontado que o Brasil se encontra no 60º lugar entre 82 países no índice de mobilidade social, de modo que uma pessoa que nasce no Brasil em situações de baixa pobreza levaria nove gerações para alcançar uma renda média no país, enquanto que quem nasce na Dinamarca, país que lidera o ranking da mobilidade social, levaria apenas duas gerações para alcançar a mesma meta. Foi visto que o Brasil se destaca negativamente na área da educação, na inclusão, na saúde, no desemprego, no acesso à tecnologia, na proteção social entre outras. É impressionante como nosso país tem um desenvolvimento lento. Muito é dialogado, porém, pouco praticado. “A franca mobilidade social, aliada a desigualdade de oportunidades, sustenta atritos, sugerindo que, se o nível de mobilidade social fosse aumentado, poderia atuar como uma alavanca de crescimento econômico” (DESIGUALDADE: BRASIL É O PAÍS QUE MAIS CONCENTRA..., 2019, on-line).

Em relatório sobre a desigualdade global, foi mencionado que poucos são os países com condição de impulsionar a mobilidade social para que a desigualdade seja reduzida. No entanto, caso seja feito um trabalho voltado para um aumento na mobilidade social, o PIB (Produto Interno Bruto) mundial cresceria, trazendo muitos benefícios sociais (DESIGUALDADE: BRASIL É O PAÍS QUE MAIS CONCENTRA..., 2019, on-line). Daí, podemos concluir que por meio de uma liderança política consciente, aberta a mudança e que olha a sociedade como um todo, é possível vencer todos esses pontos, mesmo que em um longo período. Porém, se faz necessário uma união de toda a sociedade a implementação de políticas públicas abertas à mudança para o bem de todos, o que foi iniciado com o ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, quando foi possível ascender nossas expectativas e vivenciar momentos de uma vida com mais dignidade. Acreditamos que ainda possa ser possível retomar novamente esse caminho.

Ao visualizar e refletir a realidade do mundo atualmente podemos ressaltar que o mundo se encontra em meio a uma crise que abrange a saúde, a economia, a educação e toda as esferas sociais, um colapso mundial. Com a pandemia do novo coronavírus, vieram à tona todos os problemas que se encontravam disfarçados e maquiados. É possível vermos a fome crescendo, o desemprego aumentando, grandes estabelecimentos fechando, a intolerância racial e de gênero se expandindo violentamente, o preconceito e a violência se aflorando, a educação se desfazendo, aspectos que podemos observar ao ligarmos a tv e assistir a um noticiário.

Além das famílias na miséria, havia em outubro outras 2,8 milhões de famílias em situação de pobreza, com renda per capita média de moradores entre R\$ 90 e R\$ 178. Os dados do cadastro são atualizados constantemente pelos seus integrantes e refletem as mudanças na condição de vida no país. Ele serve para que o governo saiba a renda das famílias e pague um valor complementar para superação da extrema pobreza no valor de R\$ 41 a R\$ 205, caso a família esteja inscrita e aprovada no Bolsa Família.

Durante o governo Bolsonaro, por exemplo, o número de famílias cadastradas em extrema pobreza saltou em 1,3 milhão (eram 12,7 milhões em dezembro de 2018, último mês do governo de Michel Temer). Segundo os dados mais atualizados do Bolsa Família, em novembro, eram 14,3 milhões de famílias aptas e aprovadas no programa. A média do valor pago naquele mês foi de R\$ 329,19. Agora, com o fim do auxílio emergencial (com valores que variaram de R\$ 300 a R\$ 1.200 por mês), essa média vai baixar para R\$ 190, como era antes da pandemia (MADEIRO, 2021, on-line).

Como podemos ver, o Brasil encontra-se a cada dia mergulhando numa profunda miséria, de tal modo que caso não sejam tomadas medidas voltadas para sanar ou pelo menos diminuir esses números alarmantes, o país se tornará marca registrada de incompetência política e o país crescerá na Miséria Nacional. É preciso, assim, de medidas urgentes para que a situação venha a ser revertida. E como vimos na visão de Rousseau sobre construir uma sociedade voltada para o povo, se faz necessário planejar regras sociais e leis junto com o povo. “Então, das luzes públicas resulta a união do entendimento e a vontade no corpo social, daí o perfeito concurso das partes e, enfim, a maior força do todo” (ROUSSEAU, 2005b, p. 108).

Por fim, concluímos que para que aconteça uma verdadeira e digna vida na sociedade brasileira, hoje, mais do que nunca, se faz necessário e urgente ouvir a necessidade do povo. É indispensável retomar a educação libertária, sem opressão, aberta à discussão dialogada. Talvez dessa forma o país possa voltar a se desenvolver dignamente com políticas públicas voltadas para o bem da população em geral, como foi iniciado na época do governo Lula. O Brasil, como os demais países subdesenvolvidos, precisa urgentemente de líderes atentos as necessidades do povo, e não de líderes ditadores e manipuladores que tem como objetivo instigar o povo a viver uma vida alienada. É importante que a sociedade lute, crie espaços de resistências, que pressione o estado, para que assim a cada dia a desigualdades desapareça. O Estado deve trabalhar para a melhoria da vida dos indivíduos. Infelizmente, é verdade e nítida a decadência social. Atualmente, é imprescindível que a sociedade seja esclarecida e consiga

enxergar a dicotomia existente na sociedade atual, que passe a lutar por uma sociedade mais digna e humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do trabalho, analisamos o pensamento do filósofo Jean Jacques Rousseau sobre a desigualdade entre os homens. O nosso principal objetivo foi investigar as origens e fundamentos da desigualdade, com o propósito de abrir caminhos para refletirmos sobre essa realidade tão antiga e ao mesmo tempo tão presente na história da humanidade. Para que esse propósito se realizasse, se fez necessário considerarmos algumas particularidades, ou seja, compreendermos a origem da história da desigualdade. Assim, enxergamos na ótica do filósofo a discussão que ele lança para além da diferença da desigualdade social, embora o propósito do autor fosse o social. Nesse sentido, percebermos essa problemática muito ampliada na contemporaneidade, visto que a ideia de desigualdade tem crescido enormemente e o debate possibilitou novas demandas.

Procuramos explorar as várias obras do autor, como *Emilio*, *Do contrato social*, e, em especial, o *Discurso sobre a origem e fundamentos da desigualdade entre os homens*. Estas tratam do tema de tão grande relevância para todos os homens, em especial, para aqueles que procuram reverter o problema existente. Rousseau afirma que desde que se deu início a vida em sociedade a desigualdade foi implantada. Essa, pelo que constatamos nos dias atuais, está crescendo em proporções alarmantes. Diante dos estudos feitos e apresentados nesse trabalho, podemos afirmar que um dos pontos centrais da pesquisa é a transição do estado de natureza - tão importante para o filósofo - que é o estado de origem, ou melhor, de liberdade e de maior felicidade do homem. Todavia, quando o homem passa para o estado civil, momento que no entendimento rousseuiano ele perde sua essência original, entrando num estado de opressão e infelicidade. Desse modo, o homem perde toda e qualquer vivência de liberdade, em que a política, as regras do convívio social e a propriedade privada corrompe o homem de forma tão inescrupulosa que o torna escravo, não só do modo de vida, como também de si próprio, pois o homem consegue converter seus próprios instintos a essa existência.

Nosso trabalho procurou trazer alguns pressupostos teóricos, apresentando a importância dos pensamentos de Rousseau para a História da filosofia, assim como para a Revolução francesa, uma vez que o pensador apresenta a beleza do homem em seu estado de origem, nesse não existia a desigualdade, não existia a maldade, pois nesse estado o homem era um ser bom, sem maldade. Destacamos os aspectos da desigualdade que, segundo o pensamento do filósofo, diferencia a desigualdade em duas realidades, são elas a desigualdade natural ou física. Contudo, para o autor, a igualdade entre os homens não provoca nenhum

mal, pelo contrário é o meio de sobrevivência e de viver em unidade com a natureza. Isso significa uma harmonia com o ambiente em que vive, sem a necessidade da companhia de outros da sua espécie, apenas em momentos oportunos, e que os mesmos conviviam de forma naturalizada, rápida e sem apegos. Ao se instalar a diferenciação entre os homens, se inicia a sociedade e se estabelece a desigualdade. A discursão a respeito da desigualdade moral ou política é compreendida pelo filósofo como toda imposição de uma sociedade corrompida, que produz regras e leis para corromper todos que fazem parte dela.

Rousseau denuncia a forma da vivência em sociedade, pois essa não traz benefícios justos e igualitários para o bem comum visto que essa foi surgindo das grandes mazelas da sociedade. A política, de igual modo, é desumana, dado que beneficia poucos e acorrenta muitos. O pensador faz duras críticas a políticas opressoras, apresentando e defendendo uma política ética, justa e igualitária.

Buscamos também fatos atuais para tratar do tema de forma mais intensificada, a respeito da desigualdade no Brasil. Dessa maneira, foi possível fazer um paralelo entre os dois períodos de tempo, século XVIII, época de Rousseau, e a atualidade. Analisamos que a discrepância social no Brasil é uma tendência que cada dia é mais crescente, levando em conta não termos políticas públicas suficientes que atendam de maneira necessária a sociedade. Embora por mais de uma década o país tenha desenvolvido projetos sociais para benefício dos brasileiros. No entanto, isso foi cessado quando o governo federal mudou. Logo, o compromisso do novo governo não firmou políticas sociais que suprissem as necessidades da população. Daí a desigualdade se desencadeou em todas as esferas sociais, promovendo o desaceleramento do desenvolvimento social, em que o homem estava encontrando anteriormente a felicidade e a liberdade que lhe dava autonomia e lugar na sociedade. Com o aumento da pobreza, da fome, da violência e da miséria, o ser humano sente-se oprimido, desvalorizado, em um estado desumano e escravizado. Nesse caso, o cidadão não tem voz nem vez ativa, apenas sofre os horrores da desigualdade violenta que consome a todos.

Por fim, para Rousseau, a felicidade do homem só será restaurada quando existir políticas responsáveis e abertas ao bem comum, onde possa existir a justiça e direitos iguais para todos, em que todos possam decidir as regras pensando num bem coletivo. Acreditamos que suas ideias são o caminho para que se construa uma sociedade justa, humana e igualitária, porém, se faz necessário que, cada pessoa concretize essa ideia, ou seja, possa sair das “cadeias opressoras” para exercer o papel que tem direito, sendo um cidadão crítico e reflexivo, com poder de voz e vez na sociedade. Entretanto, é indispensável que os

representantes do povo possam realizar junto a esse mesmo povo projetos e leis para que aconteça um novo tempo. Para que isso se concretize, não podemos nos fixar apenas nas pesquisas e reflexões, ações se fazem necessárias.

REFERÊNCIAS

- CALDAS, Gustavo Rocha. **Thomas Hobbes, John Locke e Jean-Jacques Rousseau: Leviatã, Dois Tratados Sobre o Governo, O Contrato Social**. 2018. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/63999/thomas-hobbes-john-locke-e-jean-jacques-rousseau-leviata-dois-tratados-sobre-o-governo-o-contrato-social>. Acesso em: 20 set. 2020.
- DERATHÉ, Robert. **Rousseau: e a ciência política de seu tempo**. São Paulo: Barcarolla, 2009.
- DESIGUALDADE GLOBAL: BRASIL. **TV Folha**, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PGgVZAZJKwY> Acesso em: 01 maio 2021.
- DESIGUALDADE: BRASIL É O PAÍS QUE MAIS CONCENTRA RENDA NO 1% DO TOPO DA PIRÂMIDE. **Revista Fórum**, 2019. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/brasil/desigualdade-brasil-e-o-pais-que-mais-concentra-renda-no-1-do-topo-da-piramide/> Acesso em: 01 abr. 2021.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 10.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1981.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 1994.
- GALLO, Sílvio Donizetti de Oliveira. **Pedagogia do risco: experiências anarquistas em educação**. Campinas: Papirus, 1995
- HOBBS, Thomas. **Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil**. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Nova Cultura, 1999.
- MADEIRO, Carlos. Mais pobre levaria 9 gerações para atingir renda média do país, diz estudo. **Uol**, 2020. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/01/22/ranking-social-global-brasil-mobilidade-social.htm#:~:text=Um%20relat%C3%B3rio%20divulgado%20ontem%20pelo,positivo%20ao%20longo%20da%20vida>. Acesso em: 16 abr. 2021.
- MADEIRO, Carlos. Após 6 anos, Brasil volta à marca de 14 milhões de famílias na miséria. **Uol**, 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/01/05/apos-6-anos-cadastro-federal-volta-a-superar-14-mi-de-familias-na-miseria.htm> Acesso em: 15 abr. 2021.
- ONU APONTA QUE BRASIL ESTÁ FORA DO MAPA MUNDIAL DA FOME. **Sindicato dos Metalúrgicos do ABC**. 2014. Disponível em: <https://smabc.org.br/onu-aponta-que-brasil-esta-fora-do-mapa-mundial-da-fome/#> Acesso em: 21 abr. 2021.
- RELATÓRIO INDICA QUE BRASIL SAIU DO MAPA MUNDIAL DA FOME EM 2014. **Casa Civil**. Presidência da República. 2014. Disponível em: <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2014/setembro/relatorio-indica-que-brasil-saiu-do-mapa-mundial-da-fome-em-2014> Acesso em: 22 abr. 2021.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do contrato social / Ensaio sobre a origem das línguas / Discurso sobre a origem e fundamentos da desigualdade entre os homens**. Trad. Lourdes Santos Machado. São Paulo: Nova cultura, 1983 (Coleção os Pensadores).

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O bom selvagem**. São Paulo: FTD, 1989.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emilio ou da educação**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. São Paulo: ed. Abril Cultural, 2005a (Coleção os Pensadores).

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do contrato social**. São Paulo: Nova Cultural, 2005b (Coleção os Pensadores).